

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

RAYANA LÍLIAN RODRIGUES MACIEL

**A ATUAÇÃO DAS EMPRESAS TRANSNACIONAIS NO
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DA COREIA DO SUL PÓS
DÉCADA DE 1970: CASOS DA HYUNDAI E SAMSUNG**

RECIFE

2019

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

RAYANA LÍLIAN RODRIGUES MACIEL

**A ATUAÇÃO DAS EMPRESAS TRANSNACIONAIS NO
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DA COREIA DO SUL PÓS
DÉCADA DE 1970: CASOS DA HYUNDAI E SAMSUNG**

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para graduação no curso de Relações Internacionais, sob orientação do Prof. Msc. Bianor Teodósio.

RECIFE

2019

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

M152a Maciel, Rayana Lílian Rodrigues .
A atuação das empresas transnacionais no desenvolvimento econômico da Coreia do sul pós década de 1970: casos da Hyundai e Samsung / Rayana Lílian Rodrigues Maciel. – Recife, 2019.
53 f.: il. color.

Orientador: Prof. Msc. Bianor Teodósio.
Trabalho de conclusão de curso (Monografia – Relações Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2019.
Inclui bibliografia

1. Relações internacionais. 2. Desenvolvimento econômico.
3. Globalização . I. Teodósio, Bianor. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.

327 CDU (22. ed.)

FADIC (2019-289)

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

RAYANA LÍLIAN RODRIGUES MACIEL

**A ATUAÇÃO DAS EMPRESAS TRANSNACIONAIS NO
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DA COREIA DO SUL PÓS
DÉCADA DE 1970: CASOS DA HYUNDAI E SAMSUNG**

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para graduação no curso de Relações Internacionais, sob orientação do Prof. Msc. Bianor Teodósio.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Msc. Orientador Bianor Teodósio

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

RECIFE

2019

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha família – meu pai, minha mãe, minha irmã, meus avós, e todos os outros parentes – pelo suporte de tantos anos, pelo apoio às minhas escolhas, aos momentos difíceis, aos momentos felizes com minhas conquistas, e também por toda a paciência que tiveram durante toda a faculdade. Agradeço especialmente aos meus pais e à minha irmã por compreenderem minha trajetória, e me ajudarem no que fosse necessário não apenas em relação ao Trabalho de Conclusão de Curso, mas a outras cadeiras e necessidades dessa jornada.

Agradeço ao meu namorado por estar comigo em todos os momentos e me apoiar durante essa reta final, que tanto exigiu paciência e cuidado, assim como o incentivo para que tudo desse certo. Obrigada por me dar força e me acalmar quando eu achava que não ia dar certo. Agradeço aos meus amigos que me incentivaram a não desistir, me deram suporte quando necessário e, especialmente aos amigos da faculdade – no Brasil e fora –, que caminharam junto comigo em direção à conclusão. Foram anos muito especiais e que serão lembrados com muito carinho!

Aos meus professores, obrigada por tudo. Os conhecimentos passados por vocês foram essenciais para formar quem eu sou hoje. Não apenas para a construção deste trabalho, mas também para minha formação como internacionalista e como ser humano. As aulas, palestras, conversas, foram muito importantes para meu desenvolvimento ao longo desses quatro anos de curso. Vocês foram essenciais.

Por fim, agradeço a meu orientador, que esteve comigo desde o início quando este trabalho ainda não tinha tema definido, quando ainda pensávamos em como abordar esse assunto. Muito obrigada pelos momentos de apoio, por persistir, por ser tão ágil em todas as correções e por todo o suporte que eu poderia ter.

RESUMO

As Empresas Transnacionais são entidades importantes nos mecanismos político e econômicos dos Estados, potencializando o comércio internacional e agindo como novos atores globais. Sob a ótica da Teoria de Transnacionalização da Escola de Uppsala, será estudada a expansão de empresas sul-coreanas, assim como os casos particulares da Hyundai e Samsung. A partir de uma análise histórica da Coreia do Sul desde o início de sua política de industrialização até a crise de 1997 e sua recuperação econômica, será avaliada a participação dos *Chaebol* no contexto de desenvolvimento econômico sul-coreano. As análises serão baseadas no entendimento de constante expansão econômica e social promovida pelo fenômeno da globalização, que envolve desde questões políticas até culturais individuais, o qual é de suma importância para compreender as ações tomadas pelo Estado, Empresas e Sistema Financeiro. O método aplicado a essa pesquisa foi qualitativo, de forma exploratória através de análise de bibliografia e estudo de tabelas, quadros e gráficos.

Palavras-chave: Desenvolvimento econômico; Empresas Transnacionais; Coreia do Sul; *Chaebol*; Globalização

ABSTRACT

Transnational Companies are important entities on State's political and economical mechanisms, potentializing international commerce and acting as new global actors. From the perspective of School of Uppsala's Transnationalization Theory, the south korean companies will be studied, just as the particular cases of Hyundai and Samsung. From a historical analysis of South Korea since the beginning of its industrialization policy until 1997's crisis and its economic recovery, *Chaebol's* participation on south korean economic development context will be rated. The analysis will be based on the understanding of constant economic expansion promoted by globalization phenomenon, which involves since political until individual cultural questions, that is very important to comprehend the actions taken by the State, Companies and Financial System. The method applied to this research was qualitative, in an exploratory way, through bibliographical analysis and study of tables, charts and graphs.

Key-words: Economic Development; Transnational Companies; South Korea; *Chaebol*; Globalization

LISTA DE FIGURAS

Gráfico 1 – Fluxo de Investimento Direto Externo em Economias Em Desenvolvimento (Bilhões de Dólares) 2005-2016.....	21
Quadro 1 – Balanço De Pagamentos: 1996-2000.....	27
Gráfico 2 – Reservas de Câmbio na Coreia do Sul: 1996-2000.....	28
Gráfico 3 – Taxa de Juros Real da Coreia do Sul (%): 1996-2002.....	33
Quadro 2 – Exportação de Mercadorias da Coréia do Sul Por Produtos – Milhões De Dólares – Anual – Mundial: 1996 e 2000.....	33
Quadro 3 – Exportações da Coreia do Sul em 2017: Principais Destinos.....	36
Quadro 4 – Coreia: Maiores Empresas Transnacionais (2014)	41
Tabela 1 – Desempenho de Crescimento, Desigualdade e Indicadores Ambientais: Crescimento.....	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1: AS EMPRESAS TRANSNACIONAIS COMO IMPORTANTES ATORES NO PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO.	11
1.1: A GLOBALIZAÇÃO: CULTURA E ECONOMIA	11
1.2.: A GLOBALIZAÇÃO ECONÔMICA	17
2: HISTÓRIA SUL-COREANA: DO MODELO TRADICIONAL ECONÔMICO ATÉ A REESTRUTURAÇÃO FINACEIRA APÓS A CRISE DE 1997	23
2.1: CONTEXTO HISTÓRICO COREANO E KOREA INC.	23
2.2: CRISE DE 1997 E O PROBLEMA DO NEOLIBERALISMO	26
2.3: REESTRUTURAÇÃO FINANCEIRA APÓS A CRISE	31
3: <i>CHAEBOL</i> COMO ATORES DO DESENVOLVIMENTO SUL-COREANO: CASOS DA HYUNDAI E DA SAMSUNG	35
3.1: DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS <i>CHAEBOL</i> E SUA RELAÇÃO COM A TEORIA DA ESCOLA DE UPPSALA	35
3.2: HYUNDAI E SAMSUNG	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

A globalização pode ser compreendida como um fenômeno que possibilita o intercâmbio cultural e econômico entre nações, a qual mudou paradigmas mundiais, levando questões locais para âmbitos globais. Através da globalização, a qual se torna cada vez mais explícita, os Estados se tornam interdependentes de forma crescente. No entanto, ela atinge não somente os Estados em si, mas os próprios indivíduos, moldando estilos de vida, costumes, padrões tecnológicos e possibilitando modelos econômicos a serem desenvolvidos.

Para Letto-Gillies (2011), os aspectos qualitativos da globalização podem ser categorizados em cinco diferentes, sendo eles: amplitude de mudança; base política; dominação financeira da economia; mudanças sociais e organizacionais; e empresas transnacionais. Essa última categoria é grande agente das transformações advindas da globalização. De acordo com Winter (2016), as Empresas Transnacionais (ETN) atuam através e além das empresas estatais, e compreendem as entidades que possuem sede em mais de um país, as quais possuem um sistema de tomada de decisão que permite políticas coerentes e uma estratégia comum.

De acordo com o autor, as ETN destinam “grande parte” de seus investimentos nos países emergentes, pois enxergam neles um mercado rentável que ainda não foi explorado – ação que possibilita o acesso mais amplo aos produtos de consumo. Assim, elas procuram avançar os países menos desenvolvidos na área industrial, o que implica em progressos econômicos e sociais, a partir da geração de tributos e empregos. As ETN, no entanto, nem sempre atingem resultados positivos, pois são atraídas por baixos níveis salariais e escassez de legislação trabalhista e fiscal.

As transformações geradas pelas ETN não são somente notadas em países emergentes. Elas transformam também a economia de seus países de origem, como no caso da Coreia do Sul. Através de mecanismos econômicos do governo (os quais veremos no capítulo 2) e da relação com o sistema bancário, junto aos Investimentos Diretos Externos, o país asiático conseguiu atrair investimentos e internacionalizar

suas empresas, as quais são consideradas grandes conglomerados – os *Chaebol*¹. Foi a partir desse processo de industrialização possibilitado pelas ETN coreanas (principalmente a Hyundai e a Samsung) nos anos 70 e 80 do século passado, que a Coreia do Sul passou a ser um dos mais importantes Estados asiáticos.

Desde a década de 1980, seguindo pela década de 1990, no entanto, a política econômica que envolvia o Estado, as instituições financeiras e as ETN foi sendo gradualmente trocada, seguindo o novo padrão mundial estabelecido pelas potências ocidentais (conforme veremos com detalhes no capítulo 2). Algumas ações tomadas, por esse “tripé” que forma a base da economia política coreana – as quais serão estudadas por esse trabalho – foram responsáveis pela crise que se sucedeu em 1997, e que seguiu até o fim do século XX. Os *Chaebol*, no entanto, também tiveram grande papel na recuperação do Estado coreano, e são hoje símbolo do desenvolvimento tecnológico e econômico da Coreia do Sul.

O objetivo do presente trabalho é de analisar a importância das Empresas Transnacionais como parte do processo de globalização, que tanto se destaca nos séculos XX e XXI, assim como o papel dos *Chaebol* no processo de desenvolvimento sul-coreano. Serão analisados também a atuação, negativa e positiva, gerada por tais medidas que serão abordadas ao longo do trabalho, após um estudo sobre o processo de desenvolvimento econômico da Coreia do Sul – o qual analisará o desenvolvimento industrial desde os anos 1970, até a retomada da economia a partir do final da década de 1990.

O método utilizado nesse trabalho foi o qualitativo, de caráter exploratório, através de análise bibliográfica e de periódicos, além de dados obtidos em endereços eletrônicos oficiais de instituições mencionadas neste projeto. Foram analisados gráficos, tabelas e quadros que possibilitam o entendimento de dados econômicos e históricos do contexto do desenvolvimento industrial e econômico da Coreia do Sul.

¹ Os *Chaebol* são conglomerados de empresas que possuem muita influência no país, as quais se desenvolveram para se tornarem grandes Empresas Transnacionais e, através de Investimentos Diretos Externos (IDE), ampliaram seu acesso ao mercado.

1: AS EMPRESAS TRANSNACIONAIS COMO IMPORTANTES ATORES NO PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO.

1.1: A GLOBALIZAÇÃO: CULTURA E ECONOMIA

A globalização é um termo bastante utilizado, principalmente a partir do final do século XX, para caracterizar uma intensa mudança nos paradigmas mundiais. Aspectos financeiros, econômicos, culturais, passaram de ser apenas regionais para ultrapassarem fronteiras. É o sentido do local para o global, e da crescente interação e dependência entre esses aspectos que estão presentes em diversas partes do mundo. Não é unanimidade o conceito e o uso do termo entre os autores, pois a própria palavra “globalização” é bastante recente, apesar de o fenômeno acontecer gradualmente ao longo dos anos. Como muito bem coloca Ortiz (2009, p. 234), “a globalização implica a ideia de uma compressão do tempo, as diferentes partes do planeta são atravessadas pelo seu fluxo”.

Segundo Letto-Gillies (2011), a globalização envolveu as mais diferentes áreas da sociedade, como o setor político, militar, de negócios, ambiental e cultural. O processo aconteceu em países já desenvolvidos e teve grande impacto nos países subdesenvolvidos também, devido às desregulações e liberalizações, além da intensidade de transações financeiras que se mostram em maior volume em relação ao tamanho das economias estatais. Essas mudanças, assim como as relativas às produções de bens e serviços, aconteceram em virtude também do acesso a novas tecnologias.

É importante entender que algumas características da globalização já estavam presentes há alguns séculos através das inovações, como a invenção do carro, do telefone, do ferro de passar, entre outros artigos desenvolvidos ao longo do tempo. Outros fatores, no entanto, trazem à globalização um sentido mais próprio, como a diminuição de custos, o qual foi possível através da revolução financeira e comercial que ocorreram a partir do final do século XX². Transportes, tecnologia e comunicação

² Fonte: Doug E. Thomas (informações obtidas através de um curso de Negocios Internacionales I realizado na plataforma Coursera, promovido pela University of New Mexico em 2019).

são alguns exemplos de custos que se tornaram mais acessíveis, possibilitando maior intercâmbio entre pessoas e informações.³

Para ilustrar a mudança que ocorreu e seus impactos de custo, Sá *apud* Rodrik (2016) comenta a guinada da Europa no século XIX em direção ao livre-comércio após a queda nos preços dos transportes da época. Esse fato impactou a relação de diversos países, principalmente porque diminuiu o valor das commodities – originário do mercantilismo imperialista, o capitalismo surgiu na Europa já com características internacionais, como aponta Ianni (2001). Durante a época feudal europeia, o comércio internacional emergiu gradualmente, e foi se intensificando com a formação dos Estados Nacionais na Idade Moderna, em meados do século XVII. Nesse período, ficou mais clara a proposta capitalista e a formação de alianças também designada pelas relações comerciais entre os países.

Em 1945, o mundo sofria os impactos econômicos causados pela Segunda Guerra Mundial. O capitalismo, assim, voltou fortemente após esse período como meio de recuperação financeira e estrutural, tanto da economia quanto da sociedade. Desta vez, porém, houve a expansão do capital em escala mundial – a qual também impactava a nível nacional. Após a década de 1990, com o fim da Guerra Fria – marcada pela bipolaridade entre as potências Estados Unidos e União Soviética, além do desenvolvimento de novas tecnologias, tanto para guerra, quanto para o dia-a-dia da população –, o efeito se generalizou, e transferências tecnológicas e inversões se tornaram marcas do século XX (IANNI, 2011).

Contudo, não é fato que a globalização já tenha chegado a seu limite. O que estudiosos como Pankaj Ghemawat⁴ argumentam é que ainda há muita desigualdade entre os países, se elencados fatores como investimentos, ligações telefônicas, turismo, imigração, PIB, educação, além do fator distância – que pode ser entendida tanto como física, quanto cultural –, o que faz com que a globalização não seja plena. De acordo com o autor, “o mundo não é plano” – em contraposição a Thomas Friedman e sua obra. Enquanto a maioria das pessoas imagina que o alcance de informações e tecnologia já atingiu grande porcentagem mundial, a realidade é

³ Fonte: Doug E. Thomas (informações obtidas através de um curso de Negocios Internacionales I realizado na plataforma Coursera, promovido pela University of New Mexico em 2019).

⁴ Informações disponíveis em: <<https://hbswk.hbs.edu/item/businesses-beware-the-world-is-not-flat>> Acesso em: 30 ago. 2019.

bastante divergente. Esse pensamento expressado por Ghemawat é importante ao desenvolver estratégias empresariais de inserção no mercado internacional, pois apresenta uma perspectiva realista, enquanto estimula o estudo aprofundado dos Estados. Essa forma de pensamento auxilia as corporações a não ingressarem em uma nova forma de comércio com a visão distorcida sobre um mundo homogeneizado.

A partir da década de 1970, o uso de *database* para estudos sociológicos e políticos revolucionou as pesquisas mundiais, sendo possível entender padrões de comportamento a níveis globais. Dessa forma, Hofstede (2011) elencou algumas dimensões culturais que nos auxiliam a entender comportamentos e tendências econômicas. De acordo com o autor, os países podem apresentar essas dimensões isoladas ou combinadas de diversas formas. A primeira dimensão a ser comentada é *Power Distance*, a qual representa o quanto as pessoas e instituições menos poderosas aceitam a distribuição desigual do poder de instituições mais poderosas. Esse tópico mostra o quanto a desigualdade é endossada pela sociedade, e até que ponto os cidadãos aceitam e apoiam que essa distribuição seja feita desta maneira.

A segunda dimensão é *Uncertainty Avoidance*, e indica até que ponto a cultura condiciona a sociedade a encarar situações novas e desafiadoras. Países que possuem essa dimensão cultural podem tornar leis e normas mais rígidas ou leves, de acordo com a tolerância aos riscos. Como exemplo, pode-se citar o ingresso exponencial de refugiados sírios em alguns países europeus, como a França e a Alemanha. A cultura molda, mesmo que inconscientemente, a reação da maioria da população frente a situações como essa, sendo mais fácil ou difícil a aceitação e adaptação a ela.

O *Individualism* vai de encontro ao coletivismo. O coletivismo aborda o quanto a sociedade é integrada em grupos. O individualismo trata de como a sociedade pode ser individualista inclusive nas próprias instituições, como a família, por exemplo. Essa é uma característica que pode ser visualizada em alguns países europeus, principalmente nórdicos e anglo-saxões – Suécia e Inglaterra são exemplos. Enxergar as relações entre indivíduos em instituições é uma importante maneira de caracterizar certas tendências da população, como o estilo de consumo – importante variável a ser considerada por companhias.

Outra dimensão é o *Masculinity vs. Femininity*. Esse tópico social, não apenas individual, traz à discussão os valores associados ao homem e à mulher, que variam de cultura para cultura. Por exemplo, a visão de fragilidade e delicadeza da mulher pode variar para força e comando, dependendo da cultura de cada país. Esse fato não exclui, todavia, determinados padrões de gênero mundiais que podem ser estabelecidos e compartilhados ao redor do globo, provenientes da influência, em grande parte, ocidental – hegemônica.

Como já explicado pelo Modelo de Hofstede, a cultura é um fator de suma importância para a compreensão das consequências que o mundo vem sofrendo ao longo do processo de globalização. Contudo, Costa (2007) argumenta que a cultura e a economia não reagem na mesma intensidade, pois há diferenças de flexibilidade e adaptação aos efeitos da globalização, e assim, elas não sofrem impactos equivalentes. Por mais que ambas sejam intrínsecas, a cultura demora um longo tempo para sofrer mudanças, justamente porque representa uma construção histórica da sociedade. A economia é mais maleável e volátil, apesar de seguir caminhando junto à cultura.

A globalização, no entanto, não representa o rechaço de culturas locais com objetivo de imposição de outra. Segundo Costa (2007, p. 259), “a globalização promove diversidade e possibilidades que as culturas locais não experimentariam sem o acesso, por exemplo, à tecnologia, especialmente na área dos meios de comunicações”. Ou seja, ao mesmo tempo em que a globalização padroniza certos valores, também se adequa a cada cultura individualmente.

Essa visão, todavia, não exclui a influência exercida por países ocidentais sobre países asiáticos e africanos, por exemplos. O domínio do capital global, dos modelos econômicos seguidos pelos Estados e dos costumes mais replicados no mundo são provenientes de países ocidentais, como por exemplo alguns países europeus, mas principalmente dos Estados Unidos. Esse fato nos permite entender que essa influência impacta as economias locais e os costumes, e isso replica-se para as características dos consumidores, assim como define a política e a economia da região alcançada.

Com a facilitação das transações financeiras através de uma mudança no sistema, que passou a ser global, o comércio internacional foi amplamente facilitado.

Assim, cada vez mais, as empresas tendem a se internacionalizar com objetivo de atingir novos mercados e enfrentar novos concorrentes. Gonçalves (2003) explica que, autores como Hirst e Thompson, defendem que globalização faz com que predomine um modelo de economia global em cada economia nacional, e essa sofre direta influência das relações internacionais, pois está diretamente relacionada com as decisões políticas dos Estados, assim como a cadeia de interações entre eles. A globalização permite que o modelo capitalista, por exemplo, alcance diversas economias nacionais, determinando de certa forma um padrão de comportamento – apesar de cada país ter suas particularidades.

O fenômeno, em sentido mais amplo, também possibilita o desenvolvimento de organismos que possam regular e controlar os Estados, já que os paradigmas se mostram diferentes e, por consequência, exigem um organismo acima dos Estados para a tarefa. A quebra da bolsa de valores em 1929, por exemplo, que eclodiu o que ficou conhecido como Grande Depressão, gerou grande repercussão no sistema financeiro mundial, o que demonstrou o quanto os Estados estavam se conectando e interdependendo. No entanto, na época não havia uma clara organização supranacional que pudesse administrar e regular o sistema financeiro – cenário que, no século XXI, já se faz diferente (MAZZUCHELLI, 2008).

Atualmente, existem organismos como a Organização Mundial do Comércio (OMC) – criada em 1995 a partir do acordo do *General Agreement on Tariffs and Trade* (GATT) – e o Banco Mundial – desenvolvido em 1944, possui 187 países membros e empresta cerca de 60 bilhões de dólares por ano⁵. Esses organismos lidam com Nações Unidas e com grupos como o G-20 com o objetivo de, respectivamente, regular e sentenciar os Estados de acordo com sua postura comercial, e financiar projetos dos Estados.

Já o BIS – *Bank for International Settlements* –, criado em 1930, auxilia cerca de 60 bancos centrais (os quais juntos representam aproximadamente 95% do PIB (Produto Interno Bruto) mundial) exercendo papel de banco, oferecendo suporte e fomentando cooperações internacionais⁶. Outro órgão de grande importância é o

⁵ Informações disponíveis em: <<https://nacoesunidas.org/agencia/bancomundial/>> Acesso em: 30 ago. 2019.

⁶ Informações disponíveis em: <<https://www.bis.org/about/index.htm?m=1%7C1>> Acesso em: 10 set. 2019.

Fundo Monetário Internacional (FMI), que surgiu a partir da Conferência de Bretton Woods em 1944 e conta com 188 membros. Entre suas ações, o FMI empresta dinheiro aos países em necessidade (que provém de um fundo arrecadado pelos membros), além de acompanhar os países-membros e fazer recomendações, provendo assistência técnica e treinamento⁷.

A globalização como problemática emergiu na década de 1980, ganhando mais força na década de 1990 e trouxe à tona as significativas mudanças ocorridas na relação e no papel dos Estados-nação. Como explica Arrighi (2003), os processos de acumulação de capital mudaram a dinâmica de exclusividade dos Estados admitida por teorias clássicas, incluindo agora os novos atores, as corporações multinacionais. Ianni (2011) coloca com clareza essa nova dinâmica:

Com a nova divisão internacional do trabalho, a flexibilização dos processos produtivos e outras manifestações do capitalismo em escala mundial, as empresas, corporações e conglomerados transnacionais adquirem preeminência sobre as economias nacionais. [...] Tanto é assim que as transnacionais redesenham o mapa do mundo, em termos geoeconômicos e geopolíticos muitas vezes bem diferentes daqueles que haviam sido desenhados pelos mais fortes Estados nacionais (IANNI, 2001, p. 56)

Em entrevista a Paulino (2000), Renato Ortiz explica a crise do Estado-nação, a qual o processo da globalização enfraquece a identidade nacional, fazendo com que o Estado perca seu papel central exclusivo. De acordo com Ortiz (2009), a crise do Estado-nação não representa seu fim, mas uma mudança no padrão. Ou seja, o mundo moderno, que gerou a Nação, entra em conflito com a sociedade contemporânea e seus novos atores, porque as problemáticas atuais ultrapassam as fronteiras dos Estados.

É a partir desses novos desafios que surge o conceito de Economia-mundo, mais utilizado por Braudel⁸. Ianni (2001) destrincha três realidades da Economia-mundo: primeiro, as economias-mundo possuem espaço geográfico, físico, que está sujeito a mudanças como rupturas e adesões, ou seja, ao aumento ou diminuição; em segundo lugar, uma economia-mundo está submetida a um importante centro econômico – havendo a possibilidade de existirem dois centros simultaneamente; por

⁷ Informações disponíveis em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/diplomacia-economica-comercial-e-financeira/119-fundo-monetario-internacional>> Acesso em: 10 set. 2019

⁸ Para mais informações, ver BRAUDEL, Fernand. **Civilização Material, Economia e Capitalismo: Séculos XV-VXIII**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

fim, os efeitos gerados pelas economias se estendem pelos arredores dos centros econômicos, enquanto as “periferias” se tornam mais dependentes e sujeitas aos centros. O autor justifica esse último ponto a partir da distância geográfica. Todavia, entende-se que as divisões históricas e psíquicas explicam com mais propriedade esses efeitos.

Esse conceito nos auxilia a entender o sistema de poder e hierarquia que existe entre o hegemônico e os países subdesenvolvidos, os quais sentem mais fortemente os impactos causados pelos centros econômicos. A codependência entre os Estados os torna partes de um mesmo modelo econômico, desenvolvido pelas Economias mundiais.

1.2.: A GLOBALIZAÇÃO ECONÔMICA

A Globalização Econômica é uma das vertentes de mais destaque da globalização. Segundo Gonçalves (2003), inicialmente deve-se entender que uma das características desse fenômeno é o aumento do fluxo internacional de bens, através do crescimento do comércio exterior. Por exemplo, em 1981, a taxa de volumes de bens e serviços importados pelos Estados Unidos era 2,2%, e de exportados, 1,2%. Já ano de 2000, a taxa de volumes importados passou a ser 12% e de exportados, 8,3%⁹. Os dados apresentados apontam para o crescimento acelerado do comércio internacional entre o final do século XX e o começo do século XXI – fato também associado ao desenvolvimento de tecnologias e ascensão de novos Estados produtores, aumentando assim o mercado consumidor.

Outro processo a ser considerado é o aumento da concorrência internacional, o qual reflete o primeiro ponto destacado. Com o crescimento do volume de exportações e importações, mais empresas se aventuram a entrar no mercado externo e a concorrência se torna maior. A concorrência é fator fundamental para o comércio internacional, e, em virtude da importância deste ponto, os Estados Unidos aprovou em 1988 o *Omnibus Trade and Competitiveness Act of 1988* (ou Lei de Comércio e Competitividade Internacional), a qual, dentre suas demandas,

⁹ Informações disponíveis em:

<<https://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2019/01/weodata/index.aspx>> Acesso em: 15 ago. 2019.

responsabiliza o presidente do país pelo impacto das políticas econômicas e das taxas de câmbio na competitividade internacional¹⁰. Pode-se observar, portanto, a importância que tem a política doméstica em relação à política mundial, e como as decisões isoladas podem sim impactar todo o conjunto internacional.

Mais uma característica da globalização econômica é a interdependência entre as economias nacionais (a partir de instituições estatais) e os agentes econômicos (como empresas transacionais e instituições financeiras). Esse fator está totalmente relacionado com o primeiro, pois é com o aumento do fluxo internacional de bens – isto é, o comércio exterior – que o Estado Nacional arrecada divisas através de investimentos diretos externos. Além disso, as empresas transnacionais podem expandir seu leque de oportunidades, ao transferir produtos e até fábricas para o exterior. O autor explica que o Sistema é o centro e a causa da globalização econômica. Isto é, quando o sistema capitalista vigente não suporta o crescimento da produção de bens e serviços, ele mesmo se adequa através de certas saídas¹¹. Uma delas é a “exportação de bens, serviços e capital”, como forma de realocar a produção excedente no país de origem para outros lugares.

Sob a ótica de Letto-Gillies (2011), a interconexão entre os países no contexto da globalização se dá por causa do comércio exterior, do investimento direto externo, carteira de investimentos, e, em contexto social, a busca por trabalho que faz com que os indivíduos cruzem fronteiras. A oportunidade em outros países intensifica o fluxo de pessoas – principalmente em graduação e já graduados – em busca de cursos ou emprego no exterior. A procura por oportunidades também é feita por empresas que, ou buscam instalar sua produção no exterior, mantendo a sede e o comércio num país fixo – como, por exemplo, offshores¹² –; ou que pretendam de fato expandir o mercado para além das fronteiras, buscando novos consumidores.

¹⁰ Informações disponíveis em: <<https://www.congress.gov/bill/100th-congress/house-bill/4848>> Acesso em: 12 ago. 2019.

¹¹ Para mais informações, ver: GONÇALVES, Reinaldo. **O Nó Econômico**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

¹² “Uma ‘offshore company’ é uma entidade situada no exterior, sujeita a um regime legal diferente, ‘extraterritorial’ em relação ao país de domicílio de seus associados. Mas a expressão é aplicada mais especificamente a sociedades constituídas em ‘paraísos fiscais’, onde gozam de privilégios tributários (impostos reduzidos ou até mesmo isenção de impostos)”. – informações disponíveis em: <<http://www.portaltributario.com.br/offshore.htm>> Acesso em: 10 set. 2019.

As empresas transnacionais (ou ETN) são instituições que participam e que são a chave de todas as características de interconexão comentadas no parágrafo anterior, cujas atividades de negócios diretos são realizadas em pelo menos dois países. Essas corporações possuem ativos no exterior que possibilitam a condução do negócio, e são de extrema importância para o sistema comercial global, pois elas são responsáveis pela grande parte dos investimentos em carteira e pelos empréstimos, sendo os rendimentos voltados para as empresas. A autora explica que, além dos acordos de colaboração entre empresas privadas, os acordos também podem ser firmados entre instituições públicas (IETTO-GILLIES, 2011).

Carvalho (2011) argumenta sob a ótica de que há diferença entre as empresas multinacionais e transnacionais, sendo a última o desenvolvimento da primeira. Segundo o autor, o conceito de corporação multinacional ganhou destaque negativo devido a imagem de ser uma empresa que disfarça sua origem e burla as leis locais onde se instala. Portanto, o conceito de empresa multinacional torna-se negativo e obsoleto, enquanto as empresas transnacionais surgem como evolução do termo, com conotação mais positiva, a qual representa uma instituição global presente em diversos setores:

Empresa Transnacional (ETN) é geralmente considerada como uma empresa que compreende as entidades em mais de um país que operam sob um sistema de tomada de decisão que permite políticas coerentes e de uma estratégia comum [...] e, em particular, partilhar conhecimentos, recursos e responsabilidades com os outros (CARVALHO *apud* UNCTAD, 2011. p. 91)

As ETN, dessa forma, costumam fixar sua sede no país de origem, sendo eles normalmente desenvolvidos, direcionando a produção e a venda para países emergentes. Analisando um cenário otimista, elas promovem o desenvolvimento industrial nos países de destino, além de prover empregos e gerar tributos. No entanto, as empresas que se apresentam nesses países também geram impactos sociais fortes, os quais podem modificar a cultura, a longo prazo, mas rapidamente a economia e a dinâmica local.

Sob outro ponto de vista, Gonçalves (2012) traz a ideia de empresa transnacional como uma expressão mais recorrente do que o termo “multinacional”, principalmente após os anos 1970. Isso ocorreu porque as multinacionais estariam associadas a processos os quais envolviam países em desenvolvimento, incluindo até

parcerias com empresas estatais. Ou seja, empresas que se internacionalizavam em sua região, como na América Latina, por exemplo.

A empresa “global” possui empresas acessórias em outros países, podendo inclusive ter mais de uma sede. Os países que sediam a empresa lhes dão nacionalidade devido à personalidade jurídica adquirida, e todas são diretamente ligadas à sede, a qual emite uma “estratégia global”. O autor também aponta para a habilidade da ETN de transformar a economia e a política do mundo, deixando de ser então sujeito do direito internacional privado para ser sujeito do direito internacional público – ingressando o grupo, portanto, de atores como Estados e Organizações Internacionais (CARVALHO *apud* BAPTISTA, 2011, 1987).

Assim, as ETN são essenciais para o desenvolvimento da inovação dentro e através das fronteiras. Para Letto-Gillies (2011), elas são um dos únicos atores que consegue, de fato, coordenar e controlar as atividades transnacionalmente, e isso as coloca em posição de extrema importância no cenário mundial. Esse poder permite que se possa dialogar com governos e outras companhias nacionais. A autora retoma a necessidade de instituições supranacionais que regulem esse novo cenário que transpassa fronteiras.

A ETN é muito importante porque é um dos principais centro de acumulação e poder econômico, conforme Gonçalves (2012). A corporação domina ativos como o capital, a tecnologia, e outras capacidades organizacionais, e é o próprio resultado desse conjunto. Para o autor, ela pode ser considerada como um grupo econômico, mais do que somente uma empresa, devido ao impacto que gera e à influência que possui.

O investimento direto externo (ou IDE) é, de fato, a transação internacional que mais se aplica às ETN. Os investimentos diretos externos são, em grande maioria, originários dos países desenvolvidos, e costumam ser direcionados aos mesmos grupos de países. De acordo com dados da UNCTAD – *United Nations Conference on Trade and Development* – em 2018, o fluxo de investimentos diretos externos nos países em desenvolvimento asiáticos foi de 511.707 milhões de dólares. Já o fluxo de IDE nos países desenvolvidos da Ásia (com exclusão da China) chega a 566.99

milhões de dólares¹³. Segundo Canuto (1994), a Ásia é o continente que mais recebe IDE proveniente da Coreia do Sul; já na América Latina, o Peru, Brasil e México são os países que mais recebem.

O Gráfico 1 abaixo apresenta o ingresso e a vazão dos investimentos diretos externos a partir das economias em desenvolvimento. É possível ver a diminuição do fluxo de IDE a partir da crise de 2008, permanecendo ainda em baixa até o ano de 2009. A partir desse ano, a economia volta a crescer, mas ainda em nível lento. A entrada de investimento estrangeiro nas economias emergentes mostra-se em maior quantidade do que a saída, principalmente a partir de 2015.

Gráfico 1 – Fluxo de Investimento Direto Externo em Economias Em Desenvolvimento (Bilhões de Dólares) 2005-2016.



Fonte: UNCTAD – *United Nations Conference on Trade and Development*¹⁴

É possível perceber a partir desse gráfico a enorme quantidade de fluxo envolvido nas transações internacionais, e a importância, portanto, política e econômica para os países que sediam as ETN. Estas se tornam, assim, importantes atores globais que possuem o poder econômico como vantagem. Em relação aos

¹³ Informações disponíveis em:

<<https://unctadstat.unctad.org/wds/TableViewer/tableView.aspx?ReportId=96740>> Acesso em: 12 ago. 2019.

¹⁴ Gráfico disponível no endereço:

<<https://unctadstat.unctad.org/EN/Infographics.html#&gid=2017&pid=Foreign%20Direct%20Investment%20in%202016>> Acesso em: 12 ago. 2019.

países de origem, esse poder dá possibilidade de realizar manobras de *soft power*¹⁵ como meio de transferir cultura, produtos e capital.

Ao longo dos anos, as ETN de países emergentes passaram por algumas fases. A primeira delas é caracterizada no contexto de substituição de importações da América Latina na década de 1970. A maioria dos produtos era destinada a países vizinhos, e teve como principais sedes o Brasil, o México, e o Chile. Outra fase teve como característica o efeito “*push and pull*”, que seria a atração de empresas internacionais para o país e o incentivo de internacionalização de empresas domésticas. A fase foi predominante durante a formação dos Tigres Asiáticos – Coreia do Sul, Singapura, Taiwan e Hong Kong. Nesse período, houve grande saída de investimento direto externo para o exterior, mais inclusive que em qualquer ano anterior (STAL et al, 2010).

As ETN coreanas, por exemplo, foram (e são) importantes atores no jogo político e econômico da Coreia do Sul, e se tornaram peças-chave no contorno após as seguidas crises econômicas no país. Os chamados *Chaebol* – que são conglomerados familiares –, são ETN que representam papel importante na história econômica coreana, e que durante a recuperação a partir do final do século XX, atuaram junto às instituições estatais e ao sistema bancário. Essa relação importante será abordada de maneira mais profunda nos capítulos seguintes, assim como contrapontos aos acontecimentos e estudo sobre as duas principais ETN coreanas: Hyundai e Samsung. (CHANG et al, 2003).

¹⁵ “O Soft Power é uma articulação sedutora de poder, ele coopta as pessoas a quererem ser iguais ao invés de obrigá-las a tal. [...] tem a sua principal característica de acordo com conceitos ideais e culturais mais próximos com o que prevalece como uma norma global.” (MARTINELLI, 2016)

2: HISTÓRIA SUL-COREANA: DO MODELO TRADICIONAL ECONÔMICO ATÉ A REESTRUTURAÇÃO FINANCEIRA APÓS A CRISE DE 1997

2.1: CONTEXTO HISTÓRICO COREANO E KOREA INC.

Para compreender a importância das Empresas Transnacionais no processo de globalização e desenvolvimento econômico, abordaremos o contexto da Coreia do Sul. A Coreia do Sul localiza-se numa península no sudeste asiático e conta com uma população de aproximadamente 51 milhões de habitantes¹⁶. Até meados do século XX, a Península da Coreia não havia ainda sido dividida entre Norte e Sul. Por conta de antigos conflitos envolvendo a presença japonesa colonialista na península e a diferença do desenvolvimento industrial entre o norte e sul da Coreia, gradativamente o país começou a se dividir ideologicamente. (VISENTINI *et al*, 2015)

O Norte passou a ter mais aproximação com a ideologia socialista e foi marcado por ser mais marginalizado que o Sul. Seus guerrilheiros agiam contra o imperialismo japonês em conjunto com chineses, que lutavam a favor do movimento de libertação chinês. Já o Sul possuía pensamentos mais relacionados ao liberalismo e detinha a maioria das indústrias, obtendo apoio dos Estados Unidos. Durante a Guerra Fria, a tensão entre os países já aumentava, e os dois hemisférios coreanos já tinham diferentes líderes.

Como explica Visentini *et al* (2015), em 1948 a península foi dividida no paralelo 38º e o evento sucedeu a Guerra da Coreia, que só veio ser apaziguada após um armistício em 1953. Mesmo assim, as duas Coreias vivem sob tensão até os dias de hoje, apesar das tentativas da manutenção de um acordo de paz¹⁷. Após a divisão das Coreias, a partir da década de 1960, a Coreia do Sul passou a desenvolver-se industrialmente. Segundo Canuto (1994), o país faz parte do rol de nações

¹⁶ Informações disponíveis em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ks.html>> Acesso em: 19 set. 2019.

¹⁷ Após um acordo ocorrido em 2017, os sul-coreanos puderam se aproximar mais dos norte-coreanos após algumas famílias serem sorteadas para reencontrar parentes do outro lado da fronteira. No entanto, apesar de medidas desse porte acontecerem, ou da Coreia do Sul possuir um ministério que busque a unificação, a mesma até hoje não ocorreu, por questões políticas ideológicas e econômicas. Informações disponíveis em <<https://diplomatie.org.br/a-reunificacao-das-coreias-e-possivel/>> Acesso em 22 out. 2019

consideradas “*Newly Industrialized Countries*”¹⁸, ou seja, países que se industrializaram tardiamente. Seu processo foi marcado pela descontinuidade financeira e pela centralização de fundos por agentes locais durante a industrialização pesada – exercida, em sua maior parte, pelo Estado.

Tomando como base o paradigma dos três-Estados de Alexander Gerschenkron¹⁹, Chang (2003) faz uma comparação que auxilia no entendimento da dinâmica internacional das décadas de 1960 e 1970. O autor, portanto, faz uma comparação entre três países – Estados Unidos, Japão e Coreia –, que ao longo da história estiveram bastante relacionados, econômica e politicamente. A análise foi feita com base no nível de industrialização entre eles e confirma a posição coreana de país “tardiamente industrializado”.

Assim, os Estados Unidos são considerados os pioneiros da industrialização, e suas principais instituições são os empresários – o país é considerado menos organizado, e com gradual acumulação de capital. Já o Japão corresponderia ao país moderadamente atrasado industrialmente, e os bancos universais desempenhariam importante papel no processo. Por fim, no esquema, a Coreia do Sul seria considerada um país atrasado industrialmente, cujo Estado dita as diretrizes econômicas e a criação de novas indústrias.

Segundo Amsden (1992), em países tardiamente industrializados – como a Índia, Brasil e Taiwan – o Estado normalmente intervém com subsídios econômicos como forma de estimular a atividade econômica. De acordo com a autora, o governo da Coreia impôs padrões de desempenho em empresas privadas, e esses subsídios não foram dados “de graça”, mas sim de forma recíproca, exigindo certa disciplina por parte corporativa. Além da questão empresarial, para ela, os engenheiros assalariados são peça importante no desenvolvimento industrial para a proteção da tecnologia transferida do exterior para o país, principalmente porque o modelo

¹⁸ Um “País Recém-Industrializado” é aquele cuja economia passou de ser baseada em agricultura para se tornar baseada principalmente na indústria, como manufatura, construção e mineração. Informações disponíveis em <<https://www.britannica.com/topic/newly-industrialized-country>> Acesso em 22 out. 2019

¹⁹ A teoria dos três-Estados de Alexander Gerschenkron se tornou um dos mais importantes modelos de industrialização europeia. De acordo com o autor, quanto mais atrasado industrialmente for o país, maior será o número de substituições pela falta das pré-condições necessárias, e maior será a experiência industrial inovadora do país. Nesse contexto, Chang (2003) compara o cenário europeu com os EUA, O Japão e a Coreia do Sul. (GREGORY, 1974)

educacional coreano incentiva sua população intelectualmente desde o primário até a educação superior, e isso reflete nos profissionais que atuam na política econômica do Estado.

Para analisar as mudanças no sistema econômico e industrial da Coreia do Sul, é necessário entender o modelo econômico tradicional coreano, conhecido como “Korea Inc”. Esse modelo é importante para a compreensão das crises e para avaliação das reformas que acontecerão como forma de reestruturar o sistema do país. De acordo com Chang (2002), a estratégia de política econômica era baseada na substituição, de caráter nacionalista, e focava competitividade internacional e nas indústrias locais. O modelo econômico sul-coreano tinha – e permanece tendo por muitos anos – três bases principais: o Estado, responsável pelas políticas industriais e econômicas; os bancos, designados a promover e financiar a indústria; e os *Chaebol*, cuja tarefa seria de empreender nesse cenário de incentivo à indústria, expandindo-a.

Dessa forma, o país financiou sua industrialização em parte através de recursos domésticos e, por conta de sua posição de industrialização tardia, através de empréstimos externos, importando tecnologia. Segundo Chang (2003), durante o período do modelo tradicional coreano, por conta da estratégia de desenvolvimento industrial, as ETN começaram a crescer e se internacionalizar, competindo internacionalmente na indústria de montagem e recebendo auxílio para o desenvolvimento de pesquisas, enquanto pequenas e médias empresas passavam dificuldades. O controle do governo, todavia, era visível e o Estado regulava o acesso aos mercados internacionais de capital, além de controlar os tipos de projetos a serem financiados, como explica Canuto (1994).

O papel do Estado no contexto da industrialização tardia, para Amsden (1992), é de mediar as forças do mercado, atendendo as necessidades dos atuantes do comércio exterior, dos poupadores, investidores, enquanto ajusta preços e taxas através da intervenção. Visando criar oportunidades de crescimento, todavia, nem sempre essa intervenção foi feita de maneira correta, e esse é um padrão de países cuja industrialização é similar à da Coreia do Sul. Exemplos dessa afirmação são o impedimento do aumento dos salários dos trabalhadores, repressão política, ausência de oportunidades internacionais de migração, entre outros fatores.

Amsden (1992) explica que, inicialmente na Coreia do Sul foi feito investimento em mão-de-obra, para que assim pudesse haver investimento na Indústria Pesada. A importância do investimento nesse segmento de indústrias está no conseqüente desenvolvimento de empresas industriais modernas e, assim, da administração assalariada. Dessa forma, a transição de um padrão de indústrias leves para indústrias pesadas necessita a competição contra empresas de outros países, os quais possuem acesso a muito mais conhecimento. Os *Chaebol*, assim, assumem o papel de se inserir internacionalmente em um cenário já dominado tecnologicamente pelas empresas mais experientes.

Chang (2003), assim, reafirma esse investimento na indústria pesada ao argumentar que elas obtiveram concentração de crédito primordial, juntamente com os *Chaebol*, durante o processo de industrialização coreano nas décadas de 1970 e 1980. Segundo o autor, com o incentivo a esse setor industrial, foi possível alavancar financeiramente as firmas de forma a comparar-se com a indústria japonesa. Esse período de grande alavancagem industrial é conhecido na Coreia do Sul como “Milagre do Rio Han”, em referência ao grande rio que corta a capital do país, Seul.

Para Amsden (1992), a industrialização nesse período ocorreu com base em empresas cuja base era nacional, e não estrangeira – como siderúrgicas, estaleiros, fábricas de automóveis e de eletrônicos –, e o foco era investir na capacidade tecnológica interna para que, no futuro, a Coreia pudesse “colher os frutos”, tornando-se independente tecnologicamente e evitando o controle estrangeiro. Assim, fica cada vez mais clara a relação dos bancos, os quais financiavam a indústria, com as Empresas Transnacionais, e segundo Canuto (1994): “quanto mais cresciam os *Chaebol*, mais se tornava uma simbiose sua relação com o objetivo estatal de rápida industrialização”.

2.2: CRISE DE 1997 E O PROBLEMA DO NEOLIBERALISMO

A Coreia do Sul foi atingida por uma forte crise econômica no final da década de 1990, sob presidência de Kim Young-Sam²⁰. De acordo com Chang (2003), o país,

²⁰ Seu mandato durou de 1993 a 1998. Informação disponível em: <<https://www.nytimes.com/2015/11/22/world/asia/kim-young-sam-former-president-of-south-korea-dies-at-87.html>> Acesso em 09 out. 2019.

membro da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)²¹, sofreu com crescentes déficits comerciais, e abalos no balanço de pagamentos (apresentado no Quadro 1), principalmente por causa da desaceleração do preço dos semicondutores. O valor da moeda sul-coreana Won caiu drasticamente durante 1997 e 1998, assim como as reservas de câmbio no país, como demonstrado no Gráfico 2 abaixo.

A falência do *Chaebol* Hanbo, especializado em ferro, foi o estopim da crise que viria a desestabilizar a economia sul-coreana. Até mesmo a KIA Group, um dos oito maiores *Chaebol* coreanos teve problemas durante 1997, mostrando que até mesmo essas “empresas podem falhar”. Na época, foi inclusive considerada a possibilidade de a KIA ser comprada pela Samsung – um dos maiores conglomerados coreanos, que será estudado com mais profundidade no capítulo 3 –, e a aquisição aconteceu no ano de 1998²², apesar de não ser muito bem aceita pela população. (CHANG, 2003).

Quadro 1 – Balanço De Pagamentos: 1996-2000

País	Objeto Analisado	Escala	1996	1997	1998	1999	2000
Coreia do Sul	Balanço de Conta Corrente	Bilhões de Dólares	-24,461	-10,812	40,113	21,785	10,181

Fonte: IMF – World Economic Outlook Database. Acesso em: 08 out. 2019.²³

²¹ A OCDE é composta por 35 países membros, entre potências desenvolvidas e em desenvolvimento. “Por meio da OCDE, representantes dos países membros se reúnem para trocar informações e alinhar políticas com o objetivo de potencializar seu crescimento econômico e colaborar com o desenvolvimento de todos os demais países membros. [...] tornou-se uma fonte importante de soluções para políticas públicas em um mundo globalizado.” Informações disponíveis em: <<http://www.fazenda.gov.br/assuntos/atuacao-internacional/cooperacao-internacional/ocde>> Acesso em 08 out. 2019.

²² Informações disponíveis em <<https://www.hyundai.com/worldwide/en/company/corporate/information/history/1967-2000>> Acesso em 23 out. 2019

²³ Informações disponíveis em: <<https://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2019/01/weodata/index.aspx>> Acesso em: 08 out. 2019.

Gráfico 2 – Reservas de Câmbio na Coreia do Sul: 1996-2000



Fonte: Trading Economics Index. Acesso em: 08. Out 2019.²⁴

O autor destaca que a crise do Sudeste Asiático – que atingiu, por exemplo, Hong Kong, Cingapura e Taiwan – contribuiu para a evolução da crise, como um “efeito de contágio” – a diminuição da demanda no sudeste asiático impactava diretamente nas exportações coreanas. O rápido crescimento da dívida externa também gerou resultados desfavoráveis, estando agregado às políticas liberais de financiamento para a entrada das indústrias. Essa atração de indústrias provocou uma rápida entrada de moeda estrangeira na forma de empréstimos, investimentos diretos externos e investimentos de carteira, os quais trouxeram problemas para a taxa de câmbio do país, que desde 1994 já apontava sinais de desgaste.

São muitas as razões apontadas como causas da crise de 1997, como a política industrial, o capitalismo, o entendimento de que os *Chaebol* são grandes demais para falir, e a natureza peculiar do setor corporativo. Alguns estudiosos argumentam que foi a persistência da política industrial que deu possibilidade ao início da crise. Chang (2003), no entanto, argumenta que a mudança de política econômica coreana para o neoliberalismo foi um ponto-chave para entender a crise de 1997, momento no qual houve distanciamento estatal.

²⁴ Informações disponíveis em: <<https://tradingeconomics.com/south-korea/foreign-exchange-reserves>> Acesso em: 08 out. 2019.

Segundo o autor, após o assassinato do ditador Park Chung-Hee²⁵ em 1979, forças pró-democracia se aproximaram da Coreia, mesmo com a tomada do poder por Choi Kyu-Hah²⁶, pois este se aproximava de burocratas neoliberais. O presidente adotou uma série de medidas neoliberais com objetivo de lidar com as ondas inflacionárias geradas pelo segundo choque do petróleo de 1979. Essa mudança de paradigma passou por privatização de bancos e liberalização do mercado financeiro, no início da década de 1980. Nessa época, muitos estudiosos que haviam passado temporadas nos Estados Unidos, voltavam à Coreia do Sul com ideias neoliberais.

O novo modelo econômico ocidental ganhou força mundo afora, principalmente com a maior facilidade de comunicação e informação gerada pela globalização, a qual crescia rapidamente durante as décadas de 1970 e 1980. Uma das características da globalização é justamente a estandardização de modelos que se encaixem mundialmente, principalmente levados através de potências hegemônicas como os Estados Unidos – país que sempre foi importante aliado sul-coreano:

“Na Coréia em particular (e em geral nos países asiáticos a começar do Japão) a principal pressão para a liberalização financeira originou-se unilateralmente dos Estados Unidos. [...] Assim, economias com forte tradição de controle sobre os fluxos de capitais e sobre o sistema financeiro doméstico passaram no início dos anos 90 por rápido desenvolvimento do mercado de capitais e progressiva abertura ao capital estrangeiro.” (MEDEIROS, 2016)

O Neoliberalismo, cuja ideia primordial veio de Friedrich Hayek, rechaça a intervenção planejada racional da economia, pois um único “cérebro” ou autoridade não poderia levar em consideração as necessidades de todas as pessoas para que seja capaz de produzir uma política econômica eficaz. Para Hayek, o papel do estado deve ser o de manter o dinamismo espontâneo do mercado, e não o de atenuar a desigualdade gerada por ele. Os principais nomes neoliberais políticos de grande influência no mundo são Margareth Thatcher (no poder entre 1979 e 1990), no Reino

²⁵ O presidente passou 18 anos no poder, até ser assassinado pelo presidente do Serviço Nacional de Inteligência da Coreia do Sul Kim Jae Kyu em outubro de 1979. Informações disponíveis em <<https://www.britannica.com/biography/Park-Chung-Hee>> Acesso em: 13 out. 2019.

²⁶ O presidente assumiu após a morte de Park Chung-Hee, num momento em que a sociedade demandava atitudes democráticas, enquanto tentava reinstalar o autoritarismo militar. Choi Kyu-Hah foi considerado um presidente autoritário que permaneceu do poder de 1979 a 1980. Informações disponíveis em <<https://www.britannica.com/biography/Choi-Kyu-Hah>> Acesso em: 13 out. 2019.

Unido, e Ronald Regan (na presidência do país entre 1981 e 1989), nos Estados Unidos (CERQUEIRA, 2008).

De acordo com Cerqueira (2008), os autores neoliberais defendem a busca pelo equilíbrio do balanço de pagamentos – principalmente superávits – gerando tranquilidade para as empresas e para o país. Também defendem o afastamento do Estado como agente produtivo, deixando de participar de atividades de regulamentação, enquanto reduz constantemente os gastos públicos. Para Chang (2003), a própria decisão de entrada na OCDE em 1993 pelo então presidente Kim Young-Sam já abriu portas para a abertura de diversos mercados, até mesmo como condição para entrada na Organização.

Como explica o autor, ao final dos anos 1980, os *Chaebol* já consideravam o Estado mais como passivo do que como ativo em relação à competitividade internacional. O sucesso no mercado de exportação, o qual antigamente era dominado por economias mais avançadas, foi o incentivo para que essas Empresas Transnacionais pudessem seguir sozinhas, sem mais a intervenção estatal. Durante esse momento, os empreendimentos estrangeiros cresceram rapidamente, apesar de se afastarem da perspectiva desenvolvimentista aplicada pelo Estado por tantos anos.

Assim foi criado, por empresários dos principais *Chaebols*, o “*Korea Centre for Free Enterprise*” (CFE), um centro fundado em 1997 para a discussão de temas neoliberais e produção de documentos e artigos, os quais pediam a retração do Estado e a abolição de ministérios do governo. Para esse instituto, o Estado deve manter-se longe do mercado completamente e deixá-lo regular-se sozinho, sendo essa a melhor política econômica possível²⁷.

Conforme Medeiros (2016), os problemas causados pela liberalização financeira neoliberalista foram a falta de transparência nas transações, a repressão financeira, e a intervenção política no sistema, e foram também responsáveis pela crise asiática. Como explica o autor, o sistema financeiro num sistema neoliberal não possui tantos órgãos reguladores que o supervisionem quanto o sistema comercial – que engloba as Empresas Transnacionais –, o qual é supervisionado por órgãos como o GATT e a OMC.

²⁷ Informações disponíveis em <https://www.cfe.org/eng/about_cfe.php> Acesso em 12 out. 2019.

2.3: REESTRUTURAÇÃO FINANCEIRA APÓS A CRISE

Com a crise, foi instituído o programa de recuperação econômica do FMI. O programa constituiu-se na contenção macroeconômica, na abertura de mercado e na reforma estrutural. Como argumenta Chang (2003), o FMI teoricamente deveria apenas atuar nas reformas relativas ao balanço de pagamentos, porém, na Coreia do Sul, as mudanças abarcaram também o setor corporativo. Além das mudanças de política econômica, os subsídios relacionados ao comércio foram abolidos, assim como houve a remoção do “Programa de Diversificação de Importação”²⁸.

Outras ações realizadas pelo programa do FMI foram a busca por manter um superávit orçamentário, a privatização empresas públicas e a abolição da taxa de câmbio diária, limitando a intervenção no mercado de câmbio. Medeiros (2016) elenca alguns comprometimentos da Coreia do Sul com o FMI, tais como a permissão de investimento em empresas que não estivessem na Bolsa de Valores e abertura dos mercados de corretagem e outros serviços financeiros a empresas estrangeiras. Segundo o autor, “estabelece-se neste acordo o compromisso da Coreia de rever todos os certificados de importações e todos os programas de subsídios”.

Os *Chaebol* se tornaram o foco principal da reforma, pois as empresas estavam sendo acusados de crescerem rapidamente sem prestação de contas. Dessa forma, os conglomerados tiveram que reduzir suas dívidas pela metade, e precisaram concentrar-se nas empresas sede, enquanto fechavam, vendiam ou trocavam as filiais. Isso ocorreu porque as empresas foram proibidas de garantir empréstimos e transacionar internamente entre as filiais. Essas ações geraram bastante impacto no rendimento das ETN mundo afora, repercutindo nacionalmente também (CHANG, 2003).

Por volta de 1998, a economia coreana voltou a crescer, e para os apoiadores do programa do FMI, o sucesso foi graças à ele. Chang (2003), no entanto, afirma que na realidade, as reformas exercidas pelo Fundo só complicaram a situação coreana,

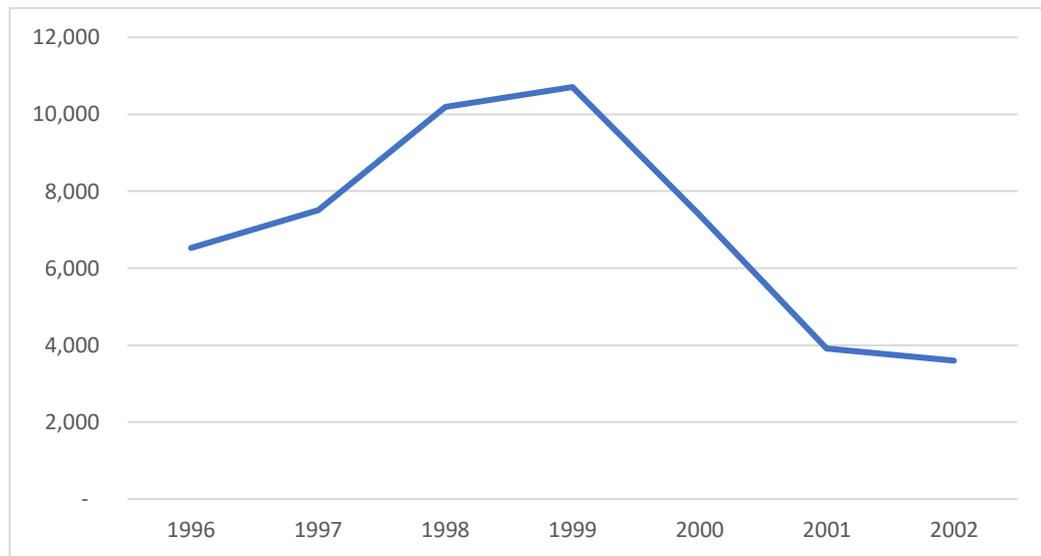
²⁸ O Programa foi instituído antes da Crise de 1997, e tinha como um dos objetivos a restrição a produtos japoneses. Informações disponíveis em https://www.wto.org/english/tratop_e/tpr_e/tp040_e.htm Acesso em 12 out. 2019.

e que a economia se desenvolveu apesar das medidas tomadas, contando com mudanças keynesianas na política econômica.

O Keynesianismo, segundo Carvalho (2008), é uma doutrina que aconselha a ação do Estado na melhoria e no apoio do pleno emprego nas economias empresariais. A doutrina idealizada por John Maynard Keynes reconhece a nova composição das forças econômicas e, assim, propõe uma reestruturação capitalista no Estado. Keynes contesta a ideia de separação de Estado e Mercado, refutando a teoria da “mão-invisível”, e argumentando que o sistema deve compreender o Estado como sujeito econômico, e não dissociado desse contexto. Sob a ótica de Dalthein (2000), a teoria keynesiana desconstrói o caminho clássico, e de maneira sucinta, sua teoria afirma que o desemprego (no caso da Coreia do Sul, gerado pela Crise de 1997) deve ser examinado a partir de indicadores mais gerais, e não analisando a estrutura e a dinâmica do mercado.

Dessa maneira, as medidas de Keynes se tornam “essenciais” para que se possa mitigar as crises capitalistas, assim como a que ocorreu na Coreia do Sul, as quais são caracterizadas por “insuficiência de demanda efetiva”. Dessa forma, a política fiscal deve produzir acordos entre o Estado e os investidores, aproximando o governo das tomadas de decisão econômicas. Analisando a Crise de 1929 que afetou todo o mundo, Keynes entende que para recuperar o país dos efeitos da crise, cabe ao Estado intervir e reestabelecer a confiança da população, assegurando suas obrigações com a população e com a organização da produção, assumindo “papel de ator global da vida econômica” (CARVALHO, 2008; DALTHEIN, 2015).

A política keynesiana teve aplicação de duas maneiras na Coreia do Sul. A primeira, com foco monetário, teve como característica a redução sem precedentes da taxa de juros a partir de 1999 (ver Gráfico 3), a qual impulsionou a economia a melhorar a perspectiva de lucro das empresas, possibilitando que instituições financeiras pudessem emprestar mais ao setor corporativo. A segunda maneira foi a partir do aumento do déficit orçamentário, garantindo assim a segurança dos trabalhadores desempregados. Houve também recapitalização de instituições financeiras e injeção de dinheiro público no setor financeiro, o que ajudou a recuperar a economia da Coreia do Sul rapidamente (CHANG, 2003).

Gráfico 3 – Taxa de Juros Real da Coreia do Sul (%): 1996-2002

Fonte: The World Bank. Acesso em: 15. Out 2019²⁹

Quadro 2 – Exportação de Mercadorias da Coreia do Sul Por Produtos – Milhões De Dólares – Anual – Mundial: 1996 e 2000

Produto	1996	2000
Total mercadorias	129715	172268
Produtos Agrícolas	4402	4298
Comida	2956	2665
Combustíveis e produtos de mineração	5038	11507
Manufaturados	114919	154899
Ferro e Aço	5229	6682
Químicos	9149	13784
Máquinas e Equipamentos de Transporte	67582	100275
Equipamentos de Escritório e Telecomunicações	31866	58686
Equipamento eletrônico para processamento de dados e escritório	5673	19633
Circuitos integrados e componentes eletrônicos	17305	24688
Produtos Automotivos	11555	15194
Têxtil	12718	12710

Fonte: OMC Database – Acesso em 15 out. 2019³⁰.

²⁹ Informações disponíveis em <<https://data.worldbank.org/indicador/FR.INR.RINR?end=2002&locations=KR&start=1996>> Acesso em 15 out. 2019.

³⁰ Informações disponíveis em <<https://data.wto.org/>> Acesso em: 15 de out. 2019.

Com as reformas aplicadas, a situação econômica após a crise financeira melhorou em diversos aspectos. Em relação ao comércio, o número de exportações aumentou significativamente, como é possível perceber no Quadro 2. Apenas três anos após uma das mais fortes crises financeiras vivenciadas na Coreia do Sul, o país cresceu suas vendas de produtos totais em 33%. Entre os setores que mais cresceram, estão os de combustíveis e produtos de mineração, manufaturados, ferro e aço, químicos, máquinas e equipamentos de transporte, telecomunicações, e produtos automotivos.

Em menos de um século, a Coreia do Sul passou de ser um país profundamente abalado pela Guerra das Coreias, apoiado pelos Estados Unidos, para uma das maiores potências asiáticas, cujo PIB per capita é cerca de US\$40.000³¹. A política de desenvolvimento industrial foi essencial para o crescimento econômico do Estado, assim como para a ascensão de grandes empresas transnacionais, que, ao longo do tempo, se tornarão conhecidas mundialmente. Os principais *Chaebols*, Samsung e Hyundai fizeram parte da história da Coreia do Sul, e estão integradas política e economicamente. Veremos mais sobre o desenvolvimento dessas empresas ao longo do Capítulo 3.

³¹ Informações disponíveis em <<https://data.oecd.org/korea.htm>> Acesso em: 16 de out. 2019.

3: CHAEBOL COMO ATORES DO DESENVOLVIMENTO SUL-COREANO: CASOS DA HYUNDAI E DA SAMSUNG

3.1: DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS CHAEBOL E SUA RELAÇÃO COM A TEORIA DA ESCOLA DE UPPSALA

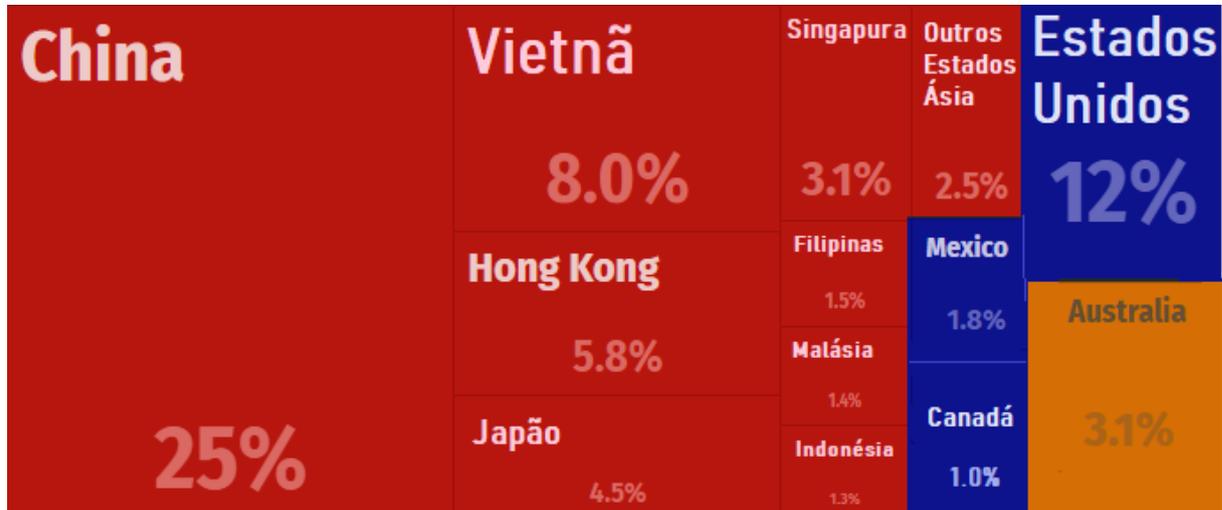
Responsáveis pela expansão industrial com apoio estatal e financeiro, os *Chaebol* vivenciaram muitos desafios ao longo da história econômica da Coreia. O principal deles no entanto, como argumenta Chang (2003), foi em relação à Globalização. O fenômeno – abordado no capítulo 1 – trouxe de fato dificuldades às ETN, mas também possibilitou diversas oportunidades. Na época da Crise de 1997, argumentava-se que os *Chaebol* não acompanhavam o mundo globalizado, pois aparentemente só obtinham sucesso porque subsidiavam suas exportações através do excesso de lucro obtido na fabricação interna – e graças às proteções às importações.

Segundo o autor, a globalização, de fato, impôs desafios aos *Chaebol*, principalmente na inserção deles no mercado global, ao precisar enfrentar uma vasta concorrência. Nas economias emergentes, as ETN encontraram oportunidades nesses novos mercados, ao mesmo tempo em que precisavam manter-se domesticamente, aumentando assim o risco das empresas na busca de sucesso em sua estratégia. A globalização, nesse sentido, não foi necessariamente restrita, mas sim apresentou possibilidade de ampliação de mercado consumidor, dando chance à transnacionalização desses conglomerados, além do maior acesso aos recursos financeiros – apesar de também abrir margem para investidores cada vez mais exigentes.

As empresas sul-coreanas se destacaram por não comercializarem um só produto, e sim por produzir diversos produtos através de uma centralização de tomada de decisão. Assim, ficava mais fácil negociar com os governos dos países nos quais se estabeleciam por oferecerem mais de um tipo de fábrica a ser instalada. Com essas medidas, em meados da década de 1990, a Coreia do Sul tornou-se um dos maiores investidores financeiros em países em desenvolvimento, estando presentes não apenas na Ásia, mas também na Europa, conforme Gráfico 1 – apesar de, alguns

anos depois, ser atingido pela grave Crise de 1997, a qual demonstra a “negligência por parte dos *Chaebol*” em assumir todos os riscos advindos com o novo contexto de transnacionalização (CHANG, 2003).

Quadro 3 – Exportações da Coreia do Sul em 2017: Principais Destinos



Fonte: Observatory of Economic Complexity - OEC Database. Acesso em 22 out. 2019³².

O Quadro 3 mostra os países para onde a Coreia mais exporta seus produtos, e entre eles estão a China, Vietnã, Japão, Hong Kong, entre outros países asiáticos. De acordo com *The Observatory of Economic Complexity* (OEC), os produtos mais exportados são Circuitos Integrados, Carros e Veículos, e Petróleo Refinado, o que representa cerca de US\$597 bilhões de dólares³³. Os Estados Unidos importam em grande quantidade, representando cerca de 12% das exportações sul-coreanas, fato este que mostra a parceria estreita não apenas política, mas econômica entre os dois países. No entanto, sob a ótica de Ruppert *et al* (2018), com a força das empresas sul-coreanas, a partir da década de 1980, os Estados Unidos "forçaram" a Coreia a desvalorizar a moeda, retirando as preferências comerciais de seus produtos, tendo em vista que já estavam perdendo concorrência para os *Chaebol*, inclusive regionalmente.

³² Informações disponíveis em <<https://oec.world/en/profile/country/kor/>> Acesso em 22 out. 2019

³³ Dados de 2017. Informações disponíveis em <<https://oec.world/en/profile/country/kor/#Exports>> Acesso em 22 out. 2019

A Teoria de Transnacionalização da Escola de Uppsala é de suma importância para entender como os conglomerados sul-coreanos se inseriram no mercado global, e conseguiram se sobressair como importantes empresas transnacionais mundiais. A teoria surgiu na década de 1970, liderada pelos pesquisadores Wiedersheim-Paul (1973) e Johanson (1974), e foca no processo de internacionalização das empresas, como afirma Hilal *et al* (2003).

Tendo como base uma pesquisa realizada com quatro empresas suecas, os autores perceberam que elas se internacionalizaram com baixo investimento e aumentaram sua presença no exterior gradualmente. Como explica Teixeira (2014), as empresas se utilizam de três etapas para a concretização da internacionalização de sucesso, sendo elas a venda direta, a venda através de um agente, e, por fim, a produção já no mercado de destino. Dessa forma, a Escola de Uppsala, propôs um modelo de transnacionalização, o qual estuda a obtenção de conhecimento e recursos nos novos mercados. No caso coreano, todavia, por muito tempo houve incentivo governamental e subsídios através de instituições financeiras, porém a oportunidade de inserção no mercado global foi feito gradualmente também.

Silva *et al* (2010) explica que o estudo de caso realizado permitiu enxergar as maiores dificuldades de internacionalização enfrentadas pelas empresas, como a falta de conhecimento e recursos. Essa foi uma das maiores dificuldades encontradas pelas empresas coreanas, pois deparavam-se com mercados já consolidados e competitivos, precisando assim esforçar-se muito mais para estabelecerem-se. Segundo a teoria, a repulsa ao risco faz com que as empresas recorram a iniciar a participação no mercado externo de forma conservadora, maneira relacionada à distância psíquica com os países de destino (o conceito de distância psíquica será abordado ao longo deste capítulo).

Para os autores, exportações e Investimentos Diretos Externos são consequências do crescimento da empresa. Quando se percebe que o mercado está saturado, as oportunidades lucrativas diminuem e deve-se buscar novos mercados locais para expansão. Dois dos maiores *Chaebol* coreanos Hyundai e Samsung, por exemplo, – que serão exploradas ao longo deste capítulo – aderiram aos dois modelos de crescimento, ou seja, tanto de IDE quanto de exportações – incentivadas financeiramente pelo governo sul-coreano através de estratégias econômicas e

benefícios, além de acordos com o sistema financeiro que está diretamente conectado com esses investimentos.

De acordo com Hilal *et al* (2003), o processo de internacionalização deve ser visto como uma sequência de passos que visam a expansão, através da aprendizagem e pelo comprometimento com o mercado estrangeiro – ambos considerados essenciais pelos autores da escola sueca. O processo de transferência tecnológica ocorrido desde o período de industrialização na Coreia do Sul já foi, de certa forma, preparador para o processo de transnacionalização das ETN. Foi possível durante o período apreender conhecimento sobre a tecnologia, que possibilitou o desenvolvimento de seus próprios produtos a serem comercializados mundo afora.

Um dos precursores e influenciadores da Escola de Uppsala, Aharoni, desenvolveu a Teoria do Processo Decisório de Investimento Direto no Exterior. Dentre muitos conceitos, cabe ressaltar as observações do autor sobre o investimento direto externo e a escolha da sede pela transnacional. Para o autor, deveriam ser levados em consideração vários fatores ao longo do processo decisório, como o ambiente político, taxas de juros, possíveis concessões do governo local, sindicatos, entre outros fatores. Aharoni (2010) coloca que a sede, considerada fonte de recursos e inovação, é um ponto responsável pelo planejamento estratégico. A Samsung, por exemplo, começou suas atividades internacionais exportando para o Panamá e transferindo fábricas para a China, enquanto a Hyundai se estabelecia nos Estados Unidos (será abordado mais profundamente no próximo tópico deste capítulo).

Para os autores da teoria da Escola de Uppsala, o processo de internacionalização é dado de maneira incremental, porque o processo de transnacionalização possui incertezas acerca do novo mercado. A Coreia do Sul possui uma cultura bastante característica e diferente dos países asiáticos – que também são muito diferentes entre si e revelam alianças e discordâncias históricas, além de outros fatores envolvendo idioma e costumes. Dessa forma, é normal que o processo de internacionalização seja feito de maneira cautelosa. A falta de conhecimento, seja ela sobre negócios, clientes, taxas de câmbio, tarifas ou até mesmo aspectos culturais, contribui para a incerteza e para a imperfeição do processo.

Por isso, a teoria da escola nórdica introduz o conceito de distância psíquica, que se caracteriza como a distância entre níveis de desenvolvimento, educação, idioma, cultura, sistema político, entre outros fatores, o que se classifica de maneira distinta da distância física. Como coloca Hilal *et al* (2003), foi observado que as empresas preferem iniciar suas atividades internacionais em países com menor distância psíquica, para que, a partir daí comecem a se introduzir em mercados mais distantes. Durante a expansão das Empresas Transnacionais coreanas, as ETN se fizeram presente na maioria dos países do Sudeste Asiático, sentindo fortemente também os efeitos da crise que abalou a região.

Para a Escola de Uppsala, o processo de internacionalização não depende somente dos recursos da empresa, mas da rede de relações a qual a empresa se insere. De acordo com os teóricos, recursos raros, valiosos, colocam a companhia a frente de outros na concorrência, assim como a sua capacidade organizacional. Essas chances são aumentadas através dos processos de exportação, e a entrada no mercado estrangeiro deve ser manter exclusiva, como coloca Teixeira (2014), para que os produtos se tornem únicos e se revelem como vantagem competitiva.

Segundo Ruppert *et al* (2018), rapidamente, os grandes conglomerados sul-coreanos deixaram de concorrer apenas no mercado doméstico para, além de se inserirem no mercado mundial, se tornarem *global players*. Inicialmente, as empresas investiram em países desenvolvidos, mas logo migraram para países em desenvolvimento, principalmente os asiáticos – mostrando que as distâncias psíquica e física foram fatores decisivos. Como explicam as autoras, em relação aos países desenvolvidos (como Estados Unidos, Canadá, entre outros) o comportamento das empresas foi de “*Market-Seeking*”³⁴, ou seja, o de buscar novos mercados para se inserir; e de “*Strategic Asset-Seeking*”³⁵, isto é, o de buscar ativos estratégicos, como a tecnologia.

³⁴ “Empresas multinacionais investem em um país estrangeiro para explorar as possibilidades concedidas pelos mercados de maiores dimensões. Muitas razões levam as empresas a esta escolha, seja seguir fornecedores ou clientes que construíram instalações de produção estrangeiras, adaptar os bens às necessidades locais ou economizar o custo de atender um mercado à distância. É importante também ter uma presença física no mercado para desencorajar potenciais concorrentes.” (FRANCO *et al*, 2010). Tradução nossa.

³⁵ Strategic Asset-Seeking possui diversas definições, mas todas levam ao entendimento de que seria a obtenção de recursos ou capacidades que complementam suas principais competências existentes, como tecnologia ou informação, pelas ETN. O objetivo é de obtenção de ativos estratégicos para competir mais contra rivais globais, evitando restrições de mercado domésticas. (MEYER, 2015).

Alguns motivos incentivaram os Investimentos Diretos Externos (IDE) coreanos, sendo eles a “mão-de-obra barata, mercado doméstico saturado, desvantagens de custo e competição”. Assim, a China se tornou importante ponto de investimento na Ásia, pois goza de baixo custo de mão-de-obra, reduzindo, portanto, os custos totais – e representa, como apresentado no gráfico, cerca de 25% do destino das importações coreanas. Esse tipo de investimento foi diferente dos aplicados aos países da América do Norte e da Europa, como explicado no parágrafo acima (RUPPERT *et al*, 2018).

Alguns aspectos podem diferenciar os conglomerados familiares sul-coreanos (*Chaebol*) com outros conglomerados de países desenvolvidos. Primeiramente, o que fica claro é o forte apoio do Estado, ao serem escolhidos como agentes do desenvolvimento coreano, o que contrasta com o padrão livre de mercado do mundo ocidental. Em segundo lugar está a diversificação das indústrias dessas empresas, que as diferenciam de outras estrangeiras, sendo essa uma característica da maioria dos *Chaebol*, como por exemplo a Hyundai e a Samsung, que produzem uma gama de produtos, como por exemplo, de eletrônicos a construção naval (KWON *et al*, 2001).

3.2: HYUNDAI E SAMSUNG

Segundo a UNCTAD, as cinco maiores empresas coreanas – no ano de 2014 – são a Samsung, Hyundai, Hanwha, POSCO e LG, e possuem grande participação no exterior, como apresentado no Quadro 4 abaixo. Seus produtos estão presentes nos mais distintos países, e fazem parte do dia-a-dia de muitas pessoas ao redor do mundo, seja individualmente através de um telefone celular, ou uma televisão, ou no mundo corporativo através de navios, por exemplo. As ETN são importantes por diversificarem sua produção e se fazerem presentes na história econômica coreana.

Quadro 4 – Coreia: Maiores Empresas Transnacionais (2014)

Empresas:	Exterior		
	Ativos	Vendas	Empregados
Samsung Electronics	27	90	69
Hyundai Motor Company	21	55	40
Hanwha Corporation	21	16	21
POSCO	22	30	16
LG Electronics Inc.	22	75	55
Doosan Corp.	23	37	40
SK Hynik Inc.	23	93	20

Fonte: UNCTAD, 2016³⁶.

O Grupo Hyundai Business é uma empresa familiar – conglomerado *Chaebol* – altamente diversificado, pertencente a Chung Juyung e sua família. Em 1998, o conglomerado possuía 63 subsidiárias que operavam nas áreas de construção, automóveis, indústria pesada, eletrônicos, produtos químicos, entre outros produtos e serviços. Segundo Kwon *et al* (2001), em 1996, as vendas totais do Grupo Hyundai Business somado a outros negócios da família representaram cerca de 20% do PIB coreano.

Como parte do Grupo Hyundai Business, a Hyundai Motor Company é atualmente uma das líderes automotivas no mundo. A empresa surgiu em 1967, com base em licenças estrangeiras e acordos com a Ford, e em 1968 já iniciou a produção em massa do veículo Cortina. Alguns anos depois, a empresa começou a produzir o veículo Pony, o primeiro carro de passageiros coreano, e passou a exportar para o Equador³⁷. Em 1974, o governo coreano lançou um plano de promoção à indústria automobilística de longo alcance, fato que incentivou a Hyundai a construir instalações de fabricação de automóveis, obtendo tecnologia de diversas fontes, como Japão e Estados Unidos (AMSDEN, 1992).

No início da década de 1980, a economia coreana, assim como a mundial, se encontrava desgastada, e em meio a esse cenário a Hyundai decidiu dar prosseguimento a um projeto de produção de carros subcompactos destinados à exportação. Para isso, vendeu 10% de seu patrimônio líquido para a Mitsubishi,

³⁶ Informações disponíveis em RUPPERT, Lídia; BERTELLA, Mario Augusto. A INTERNACIONALIZAÇÃO DAS EMPRESAS SUL-COREANAS E O PAPEL DO ESTADO. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 22, n. 2, p.1-24, 25 jun. 2018

³⁷ Informações disponíveis em <<https://www.hyundai.com/worldwide/en/company/corporate/information/history/1967-2000>> Acesso em 23 out. 2019

empresa japonesa, sendo essa porcentagem relativa à assistência técnica de motores e transmissão. Logo em 1986, a empresa passou a exportar para os Estados Unidos. Durante esse período, novos carros eram lançados, e mais modelos eram exportados – o modelo Excel atingiu a marca de 1 milhão de carros vendidos para o exterior já em 1989. (AMSDEN, 1992)

Já em 1994, a Hyundai desenvolveu veículos à base de energia solar, e logo em 1996, sua produção cumulativa ultrapassou 10 milhões de unidades. Em 1998, a Hyundai adquiriu a KIA Motors (como mencionado no capítulo 2), e até o ano 2000 desenvolveu tecnologias para melhorar o desempenho de seus carros, através de novos tipos de baterias e modelos. No ano de 2003, a empresa atingiu a marca de 1 milhão de produtos exportados por ano, valor que coloca a Hyundai como maior empresa automotiva da Coreia do Sul. Ao longo do século XXI, a empresa já patrocina eventos de grande porte, como os organizados pela *Union European Football Association* (UEFA) e pela Federação Internacional de Futebol (FIFA)³⁸.

O conglomerado da Hyundai possui, além da líder mundial Hyundai Motor Company, outros ramos de atuação, como Hyundai Heavy Industries. Estabelecida em 1972, a empresa de indústria pesada da Hyundai começou com a instalação de um estaleiro para a construção de navios, e como explica Chang (2003), teve dificuldade devido à pouca demanda inicial. O nível tecnológico também era um problema para a empresa, pois competia com empresas europeias altamente capacitadas, mas que foi sendo desenvolvido com o tempo para que se tornasse referência no que produz.

A Hyundai Heavy Industries, ao longo de seus 47 anos de existência, desenvolveu uma rede de negócios global em cada uma de suas cinco divisões de negócios: construção naval, navios especiais e navais, offshore, planta industrial e engenharia de motores e máquinas. Atualmente, o conglomerado é considerado uma das principais empresas de indústria pesada do mundo, recebendo pedidos de cerca de USD\$13,12 bilhões em 2018, e vendendo KRW\$13,3 trilhões. A ETN conta com cerca de 16 mil funcionários que trabalham diretamente como tecnologia avançada³⁹.

³⁸ Informações disponíveis em <<https://www.hyundai.com/worldwide/en/company/corporate/information/history/1967-2000>> Acesso em 23 out. 2019

³⁹ Informações disponíveis em <<https://english.hhi.co.kr/about/glance>> Acesso em 24 out. 2019

Atualmente, as vendas domésticas totais de carros da Hyundai correspondem a 547.435 unidades, enquanto as exportações da empresa chegam a 746.300 unidades. Em 2019, as três maiores regiões compradoras de produtos da empresa são a América do Norte – Estados Unidos e Canadá –, Europa – leste e oeste europeu, incluindo a Turquia – e o Oriente Médio/África. Países asiáticos e latino-americanos vêm logo em seguida, acumulando juntos um total de 13.152 unidades⁴⁰.

Outro conglomerado importante da Coreia do Sul é a Samsung, que iniciou-se a partir de uma mercearia em 1938, por Lee Byung-Chull. O fundador comercializava macarrão e outros produtos produzidos na cidade, exportando as mercadorias. Após a Guerra das Coreias, Lee expandiu seu negócio para a indústria têxtil, abrindo uma das maiores fábricas de lã do país, com objetivo de ajudar a industrializar a Coreia do Sul. Seus negócios, durante o período, se beneficiaram das medidas adotadas pelo governo sul-coreano que beneficiavam os *Chaebol*⁴¹.

Em 1969 foi criada a Samsung-Sanyo Electronics, que mudou de nome em 1977 para Samsung Electronics. A empresa começou a produzir televisões em preto e branco e em 1971 iniciou suas exportações para o Panamá. Em 1972, passou a produzir as televisões para o mercado doméstico, e na mesma década passou a fabricar máquinas de lavar e refrigeradores, além de desenvolver suas televisões para o modo colorido. As TV's da Samsung se tornaram as mais produzidas do mundo em 1978, chegando a 4 milhões de unidades⁴². Na década de 1980, a variedade de produtos se expandiu, e o conglomerado passou a produzir ar condicionados e *notebooks*.

Já no início dos anos 1990, os produtos começaram a ser manufaturados na China, e foram assim construídos cerca de 10 milhões de robôs industriais. No mesmo período, foram desenvolvidos sistemas operacionais para telefones, e no ano de 1997, a empresa tornou-se parceira oficial dos Jogos Olímpicos por seu serviço wireless⁴³. Em 2008, a ETN abriu fábricas de televisão na Rússia, e no ano seguinte foi eleita

⁴⁰ Informações disponíveis em <<https://www.hyundai.com/worldwide/en/company/ir/ir-activities/sales-performance>> Acesso em 29 out. 2019

⁴¹ Informações disponíveis em <<https://www.britannica.com/topic/Samsung-Electronics>> Acesso em 29 out. 2019.

⁴² Informações disponíveis em <<https://www.samsung.com/us/aboutsamsung/company/history/>> Acesso em 29 out. 2019.

⁴³ Informações disponíveis em <<https://www.samsung.com/us/aboutsamsung/company/history/>> Acesso em 29 out. 2019.

pela *Interbrand's 2010 Best Global Brands* no 19º lugar entre as melhores empresas do mundo. Em 2010, a famosa linha de celulares da empresa, Galaxy, foi lançada com o sistema operacional Android OS, se tornando número 1 no mundo em vendas de eletrônicos.⁴⁴.

A produção de semicondutores pela Samsung iniciou no ano de 1974, quando a empresa adquiriu a *Hankook Semiconductor*. Em 1998, a empresa instalou fábricas em Austin, nos Estados Unidos, e a partir do século seguinte já passa a ser referência no ramo de semicondutores. Em 2014, a empresa abriu uma fábrica na cidade de Xi'na, na China, e expande sua produção no mercado doméstico sul-coreano.

No início de 2019, companhia registrou KRW\$56,13 trilhões em receita trimestral consolidada, obtendo lucro de KRW\$6,6 trilhões, apesar da queda de preço de alguns produtos como os chips de memória. Segundo a empresa, ela está enfrentando desafios ligados não apenas às áreas de negócios, mas no próprio ambiente macroeconômico global. Nesse contexto, a empresa se compromete a continuar investindo em tecnologias 5g, semicondutores de sistema, inteligência artificial e componentes automotivos⁴⁵.

Os dois conglomerados, Hyundai e Samsung, foram importantes para os processos de industrialização e crescimento econômico da Coreia do Sul. A relação dos *Chaebol* com o Estado e com instituições financeiras – como explicado no segundo capítulo, em relação à estratégia coreana de desenvolvimento estatal – fica claro através do histórico das empresas, mas também ao analisar o quadro de executivos de ambas. O quadro de diretores das empresas demonstra o quanto é importante a interação entre membros do Estado e a governança da empresa ao articular benefícios e acordos internacionais que auxiliam ambos.

Entre diretores que fazem parte de instituições do governo coreano, estão o diretor independente da Samsung, Han-Jo Kim, que foi presidente e chefe executivo do Korea Exchange Bank. Também da Samsung, outro diretor independente Sun-Uk

⁴⁴ Informações disponíveis em <<https://www.samsung.com/us/aboutsamsung/company/history/>> Acesso em 29 out. 2019.

⁴⁵ Informações disponíveis em <<https://news.samsung.com/global/samsung-electronics-announces-second-quarter-2019-results>> Acesso em 29 out. 2019.

Kim, foi ministro da Legislação Governamental⁴⁶. Em relação à Hyundai, o conselheiro do Grupo Dong Kyu Lee é o Secretário-Geral da Comissão de *Fair Trade* da Coreia. Além dele, Byung Kook Lee é o comissário da Repartição Fiscal Regional de Seul⁴⁷.

O incentivo do governo às Empresas Transnacionais permanece. Em setembro de 2019, o presidente sul-coreano Moon Jae-In se comprometeu a financiar e inovar o setor manufatureiro, com objetivo de aumentar a competitividade entre outros países (principalmente o Japão, por conta de conflitos comerciais que envolveram restrições a exportações japonesas.). O principal incentivo seria na área de materiais industriais e equipamentos tecnológicos, e planeja-se a criação de um painel presidencial para tratar apenas de assuntos relacionados ao aumento da competitividade sul-coreana no cenário internacional⁴⁸.

Assim, destaca-se a importância da interação constante entre Estado e Empresas Transnacionais, aliadas ao sistema financeiro, para que se possa desenvolver economicamente o país. Como novos atores importantes no jogo político mundial, as ETN, as quais estão presentes através de seus produtos na casa de milhares de cidadãos ao redor do mundo, são *players* estratégicos, capazes de transformar a economia e a dinâmica do país – como aconteceu na Coreia do Sul e ocorre em diversos países.

⁴⁶ Informações disponíveis em <<https://www.samsung.com/global/ir/governance-csr/board-of-directors/profile/#ir-panel1>> Acesso em 29 out. 2019.

⁴⁷ Informações disponíveis em <<https://www.hyundai.com/worldwide/en/company/ir/corporate-information/bod/board-of-directors>> Acesso em 29 out. 2019.

⁴⁸ Informações disponíveis em <<https://revistapegn.globo.com/Negocios/noticia/2019/09/governo-coreano-apoia-producao-de-materiais-industriais-essenciais.html>> Acesso em 12 nov. 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A globalização gerou grandes mudanças no mundo todo através do desenvolvimento e da disseminação de novas tecnologias, produtos, novos meios de transporte, custos mais acessíveis e novos paradigmas políticos e econômicos. Como importantes atores desse fenômeno que, conforme explicado, ainda não chegou em seu ápice ou seu fim, as Empresas Transnacionais estão presentes em diversos países e já se tornaram importantes *global players*. A globalização gerou novas possibilidades e desafios a essas empresas que buscaram se aventurar no exterior, enfrentando concorrências e tecnologias desconhecidas.

Com o aumento da interdependência entre os países e a grande demanda crescente que aumentou com o avanço da globalização, a Coreia do Sul viu a necessidade de, em meio a seu governo autoritário, desenvolver seu parque industrial, atraindo e aprendendo novas tecnologias de diversos ramos. Nesse contexto, foi imprescindível a atuação das ETN, que articularam a exportação dos produtos coreanos, fazendo com que, atualmente, as grandes empresas coreanas tivessem suas marcas estampadas ao redor do mundo.

O pensamento neoliberal americano que predominou em muitos países também chegou à Coreia do Sul, sendo essa uma das causas da Crise de 1997, que atingiu a Coreia em meio a uma crise do sudeste asiático. Outras razões, conforme explanado no capítulo 2, também foram consideradas para que a crise viesse à tona, porém é de suma importância ressaltar como os modelos econômicos internacionais podem atingir países de diversas formas. A globalização econômica, como colocado no capítulo 1, dissemina modelos diversos de estilo de vida, político e econômico, principalmente os estabelecidos por países hegemônicos, como os Estados Unidos.

Apesar da crise, a Coreia conseguiu, de maneira impressionante, recuperar-se plenamente, como pode-se perceber pela tabela abaixo. O período pós-crise entre 2002 e 2008 foi o período de maior crescimento sul-coreano no século XXI, pois é levada em consideração a crise mundial de 2008 e seus abalos que perpetuam até os dias de hoje. De acordo com a tabela, o PIB coreano nesse período cresceu 3,7%, e a atividade laboral cresceu 3,1%.

Tabela 1 – Desempenho de Crescimento, Desigualdade e Indicadores Ambientais: Crescimento

<i>Taxa Média de Crescimento Anual (%)</i>	2002-08	2012-18
PIB per capita	3.7	2.5
Utilização da Mão de Obra	0.2	0.9
no qual: Taxa de Participação na Força de Trabalho	0.3	0.8
Taxa de Emprego	0.0	-0.1
Coeficiente de Emprego	-0.1	0.2
Produtividade Laboral	3.1	1.5
no qual: Aprofundamento de Capital	1.4	0.7
Fator Total de Produtividade	1.7	0.8
Média de Dependência	0.3	0.0

Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE. Acesso em 25 out. 2019⁴⁹.

As empresas Hyundai e Samsung emergiram no contexto de desenvolvimento industrial da Coreia do Sul, e são importantes *Chaebol* no mercado mundial de tecnologia. Líderes nos produtos que fabricam, as empresas são prova de que a economia e a política andam lado a lado, e estão conectadas por serem intrínsecas ao desenvolvimento do Estado. As Empresas Transnacionais articulam as grandes exportações, entrada de capital estrangeiro, e até mesmo se envolvem na política externa ao estarem alocadas em outros Estados que as recebem.

Dessa forma, pode-se concluir que através da globalização, as novas formas de desenvolver o Estado incentivaram as empresas a se internacionalizar, expandindo o comércio internacional e interconectando ainda mais os países. Essa conexão estende-se à política, levando o Estado à busca da excelência comercial para garantir assim uma potencial hegemonia regional, apesar de crises econômicas que ocorrem ao longo dos anos, como no caso da Coreia do Sul.

⁴⁹ Informações disponíveis em <<http://www.oecd.org/economy/korea-economic-snapshot/>> Acesso em 25 out. 2019.

REFERÊNCIAS

AMSDEN, Alice. **Asia's Next Giant: South Korea and Late Industrialization**. Londres: Oxford University Press, 1992. 400 p.

ARRIGHI, Giovanni. Globalização e macrossociologia histórica. **Revista de Sociologia e Política**, n. 20, p.13-23, jun. 2003. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010444782003000100003&script=sci_abstract&tling=pt> Acesso em: 02 ago. 2019.

BIS (Org.). **About BIS - overview**. Disponível em:
<bis.org/about/index.htm?m=1%7C1>. Acesso em: 10 set. 2019.

BONDARENKO, Peter. **Samsung**. Disponível em:
<<https://www.britannica.com/topic/Samsung-Electronics>>. Acesso em: 29 out. 2019.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização Material, Economia e Capitalismo: Séculos XV-VIII**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BULARD, Martine. **A reunificação das Coreias é possível?** 2017. Disponível em:
<<https://diplomatie.org.br/a-reunificacao-das-coreias-e-possivel/>>. Acesso em: 22 out. 2019.

CANUTO, Otaviano. **O Padrão de Financiamento na Industrialização Coreana**. Revista de Economia Política, v. 14, n. 3, p. 5-19, jul. 1994. Disponível em
<https://www.academia.edu/884323/O_padr%C3%A3o_de_financiamento_na_industrializa%C3%A7%C3%A3o_coreana> Acesso em: 15 fev. 2019.

CARVALHO, Fernando. Keynes e o Brasil. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 17, p.569-574, dez. 2008. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-06182008000400003> Acesso em: 16 out. 2019.

CARVALHO, Jose Carlos. O Brasil e as empresas transnacionais: os novos rumos para a transnacionalização das empresas nacionais. **Scientia Iuris**, v. 15, n. 1, p.89-104, 22 jun. 2011. Universidade Estadual de Londrina. Disponível em
<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/iuris/article/view/7586>> Acesso em: 02 ago. 2019.

CENTER FOR FREE ENTERPRISE. **About CFE**. Disponível em:
<https://www.cfe.org/eng/about_cfe.php>. Acesso em: 12 out. 2019.

CERQUEIRA, Jackson. UMA VISÃO DO NEOLIBERALISMO: SURGIMENTO, ATUAÇÃO E PERSPECTIVAS. **Sitientibus**, Feira de Santana, n. 39, p.169-189, jul. 2008. Disponível em
<http://www2.uefs.br/sitentibus/pdf/39/1.7_uma_visao_do_neoliberalismo.pdf> Acesso em: 12 out. 2019.

CHANG, Ha-Joon. JANG-SUP, Shin. **Restructuring 'Korea Inc.'**: Financial Crisis, Corporate Reform, and Institutional Transition (Routledge Studies in the Growth Economies of Asia). Londres: Routledge, 2003. 176 p.

CHO, Younghan. **Developmental Neoliberalism and the Invention of “Information Technology Economy” in South Korea**. In: CULTURAL STUDIES ASSOCIATION OF AUSTRALASIA ANNUAL CONFERENCE 2012, Sydney. Paper (University Of Sydney), 2012. p. 1 - 16. Disponível em: <https://www.academia.edu/5513703/Developmental_Neoliberalism_and_the_Invention_of_Information_Technology_Economy_in_South_Korea>. Acesso em: 10 out. 2019.

CHOI Kyu Hah: PRESIDENT OF SOUTH KOREA. PRESIDENT OF SOUTH KOREA. 2019. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Choi-Kyu-Hah>>. Acesso em: 13 out. 2019.

CIA World Factbook. **EAST ASIA/SOUTHEAST ASIA :: KOREA, SOUTH**. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ks.html>>. Acesso em: 19 set. 2019.

COMPANHIAS OFF-SHORE. Disponível em: <<http://www.portaltributario.com.br/offshore.htm>>. Acesso em: 10 set. 2019

COSTA, Thatyane Roberta de Castro. A Mundialização da Cultura e os Processos de Homogeneização e Formação da Cultura Global. **Universitas: Relações Internacionais**, v. 2, n. 1, p.255-267, 31 ago. 2007. Centro de Ensino Unificado de Brasília. Disponível em <<https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/relacoesinternacionais/article/view/301>> Acesso em: 02 ago. 2019

COSTA, Walber Carrilho. O processo de globalização e as relações de trabalho na econômica capitalista contemporânea. **Revista Estudos de Sociologia**. n. 18-19, São Paulo, 2005, p. 117-134. Disponível em <<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/117>> Acesso em: 03 ago. 2019.

DATHEIN, Ricardo. Desenvolvimentismo: o conceito, as bases teóricas e as políticas. **Ufrgs Editora**, p.345-373, 2015. Editora da UFRGS. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/8m95t/pdf/dathein-9788538603825-11.pdf>> Acesso em 15 out. 2019.

_____. **O Crescimento do Desemprego nos Países Desenvolvidos e sua Interpretação pela Teoria Econômica: as abordagens neoclássica, keynesiana e schumpeteriana**. Campinas. 2000. Tese (Doutorado em Economia) - Instituto de Economia, UNICAMP.

FRANCO, Chiara; RENTOCCHINI, Francesco; MARZETTI, Giuseppe Vittucci. Why Do Firms Invest Abroad? An Analysis of the Motives Underlying Foreign Direct Investments. **The Iup Journal Of International Business Law**, Pensilvânia, v. 09, n. 12, p.42-65, abr. 2010. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1545731>. Acesso em: 18 nov. 2019.

GONÇALVES, Reinaldo. A Empresa Transnacional. In: KUPFER, David; HASENCLEVER, Lia. **Economia Industrial: Fundamentos teóricos e práticas no Brasil**. 2. ed. Elsevier, 2012. Cap. 17.

_____. **O Nó Econômico**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

GOVERNO coreano apoia produção de materiais industriais essenciais. Disponível em: <<https://revistapegn.globo.com/Negocios/noticia/2019/09/governo-coreano-apoia-producao-de-materiais-industriais-essenciais.html>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

GREGORY, Paul R.. A Note on Relative Backwardness and Industrial Structure. **The Quarterly Journal Of Economics**, v. 88, n. 3, p.520-527, ago. 1974. Oxford University Press (OUP). Disponível em <https://www.jstor.org/stable/1881953?seq=1#page_scan_tab_contents> Acesso em: 08 out. 2019.

H.R.4848 - Omnibus Trade and Competitiveness Act of 1988. Disponível em: <<https://www.congress.gov/bill/100th-congress/house-bill/4848>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

HARVEY, David. Globalization in Question. **Rethinking Marxism**, v. 8, n. 4, p.1-17, dez. 1995. Informa UK Limited. Disponível em <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/08935699508685463?journalCode=rrmx20>> Acesso em: 15 jul. 2019.

HYUNDAI. **Board of Directors**. Disponível em: <<https://www.hyundai.com/worldwide/en/company/ir/corporate-information/bod/board-of-directors>>. Acesso em: 29 out. 2019.

_____. **History of Hyundai Motor Company since 1967 until now**. Disponível em: <<https://www.hyundai.com/worldwide/en/company/corporate/information/history/1967-2000>>. Acesso em: 23 out. 2019.

_____. **Sales Performance**. Disponível em: <<https://www.hyundai.com/worldwide/en/company/ir/ir-activities/sales-performance>>. Acesso em: 20 out. 2019.

HYUNDAI HEAVY INDUSTRIES. **At a Glance**. Disponível em: <<https://english.hhi.co.kr/about/glance>>. Acesso em: 24 out. 2019.

HOFSTEDE, Geert. Dimensionalizing Cultures: The Hofstede Model in Context. **Online Readings In Psychology And Culture**, v. 2, n. 1, p.1-26, 1 dez. 2011. Grand Valley State University Libraries. Disponível em <<https://scholarworks.gvsu.edu/orpc/vol2/iss1/8/>> Acesso em: 20 ago. 2019.

IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

IETTO-GILLIES, Grazia. Transnational Corporations: The role of transnational corporations in the globalisation process. In: MICHIE, Jonathan. **The Handbook of Globalisation**. 2. ed. Londres: Edward Elgar Publishing, 2011. Cap. 8. Disponível em <https://ideas.repec.org/h/elg/eechap/14082_8.html> Acesso em: 18 jul. 2019.

INTERNATIONAL MONETARY FUND (Org.). **World Economic Outlook Database**. Disponível em: <<https://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2019/01/weodata/index.aspx>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

LAGACE, Martha (Ed.). **Businesses Beware: The World Is Not Flat**. 2007. Disponível em: <<https://hbswk.hbs.edu/item/businesses-beware-the-world-is-not-flat>>. Acesso em: 13 ago. 2019.

LEVITT, Theodore. The Globalization of Markets. **Harvard Business Reviews**, n. 61, p.92-102, 1983. Acesso em Agosto de 2019. Disponível em <<https://hbr.org/1983/05/the-globalization-of-markets>> Acesso em: 02 ago. 2019.

MARTINELLI, Caio Barbosa. O Jogo Tridimensional: o Hard Power, o Soft Power e a Interdependência Complexa, segundo Joseph Nye. **Conjuntura Global**, v. 5, n. 1, p.65-80, 25 jun. 2016. Universidade Federal do Parana. Disponível em <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/conjunturaglobal/files/2016/06/5-Caio-Barbosa-Martinelli.pdf>> Acesso em 13 set. 2019.

MAZZUCHELLI, Frederico. A crise em perspectiva: 1929 e 2008. **Novos Estudos - Cebrap**, n. 82, p.57-66, nov. 2008. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002008000300003&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 05 ago. 2019.

MEDEIROS, Carlos. Raízes estruturais da crise financeira asiática e o enquadramento da Coreia. **Economia e Sociedade**, v. 7, n. 2, p. 151-172, 29 jan. 2016. Disponível em <<https://www.periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8643157>> Acesso em 13 out. 2019.

MEYER, Klaus E.. What is “strategic asset seeking FDI”? **Multinational Business Review**, v. 23, n. 1, p.57-66, 20 abr. 2015. Emerald. <http://dx.doi.org/10.1108/mbr-02-2015-0007>. Disponível em: <<https://www.semanticscholar.org/paper/What-is-%22strategic-asset-seeking-FDI%22-Meyer/20f3f29ab8a35b61143f7035ff15a96f51660915>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

MINISTÉRIO DA FAZENDA. **Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE**. Disponível em: <<http://www.fazenda.gov.br/assuntos/atuacao-internacional/cooperacao-internacional/ocde>>. Acesso em: 08 out. 2019.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (Org.). **Fundo Monetário Internacional**. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/diplomacia-economica-comercial-e-financeira/119-fundo-monetario-internacional>>. Acesso em: 10 set. 2019.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL (Org.). **Banco Mundial**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/agencia/bancomundial/>>. Acesso em: 30 ago. 2019.

OECD. **South Korea**. Disponível em: <<https://oec.world/en/profile/country/kor/>>. Acesso em: 22 out. 2019.

_____. **South Korea: Exports**. Disponível em: <<https://oec.world/en/profile/country/kor/#Exports>>. Acesso em: 22 out. 2019.

OECD. **Korea Economic Snapshot**. Disponível em: <<http://www.oecd.org/economy/korea-economic-snapshot/>>. Acesso em: 25 out. 2019.

OECD DATA. **Selected indicators for Korea**. Disponível em: <<https://data.oecd.org/korea.htm>>. Acesso em: 16 out. 2019.

ORTIZ, Renato. Globalização: notas sobre um debate. **Sociedade e Estado**, v. 24, n. 1, p.231-254, abr. 2009. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922009000100010&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 02 ago. 2019.

PARK Chung Hee: PRESIDENT OF SOUTH KOREA. PRESIDENT OF SOUTH KOREA. 2019. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Park-Chung-Hee>>. Acesso em: 13 out. 2019.

PAULINO, Roseli Aparecida Fígaro. Identidades culturais no contexto da globalização (Entrevista com Renato Ortiz). **Comunicação & Educação**, n. 18, p.68-80, 30 set. 2000. Universidade de Sao Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36922>> Acesso em: 15 jul. 2019.

SÁ, Maria Irene da Fonseca e. José Saramago: Um Olhar Sobre a Globalização e a Sociedade a Informação. **Journal Of Information Systems And Technology Management**, v. 13, n. 2, p.301-322, 30 ago. 2016. TECSI. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1807-17752016000200301&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 18 jul. 2019.

SAMSUNG. **Board Composition**. Disponível em: <<https://www.samsung.com/global/ir/governance-csr/board-of-directors/profile/#ir-panel1>>. Acesso em: 29 out. 2019.

_____. **History**: Present - 2005. Disponível em: <<https://www.samsung.com/us/aboutsamsung/company/history/>>. Acesso em: 29 out. 2019.

_____. **Samsung Electronics Announces Second Quarter 2019 Results**. Disponível em: <<https://news.samsung.com/global/samsung-electronics-announces-second-quarter-2019-results>>. Acesso em: 29 out. 2019.

SANG-HUN, Choe. **Kim Young-sam, South Korean President Who Opposed Military, Dies at 87**. 2015. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2015/11/22/world/asia/kim-young-sam-former-president-of-south-korea-dies-at-87.html>>. Acesso em: 09 out. 2019.

SOUTH Korea Foreign Exchange Reserves. Disponível em: <<https://tradingeconomics.com/south-korea/foreign-exchange-reserves>>. Acesso em: 08 out. 2019.

STAL, Eva; CAMPANARIO, Milton de Abreu. Empresas multinacionais de países emergentes: o crescimento das multilatinas. **Economia Global e Gestão**, Lisboa, v.15, n.1, p. 55-73, abr. 2010. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087374442010000100004&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 05 ago. 2019.

THE WORLD BANK. **Real interest rate (%) - Korea, Rep**. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/FR.INR.RINR?end=2002&locations=KR&start=1996>>. Acesso em: 15 out. 2019.

THOMAS, Doug. **Curso de Negocios Internacionales I**. *In*: Coursera, University of New Mexico. 2019.

UNCTADSTAT. **Foreign direct investment: Inward and outward flows and stock, annual:** Data Center. Disponível em:

<<https://unctadstat.unctad.org/wds/TableViewer/tableView.aspx?ReportId=96740>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

_____. **INFOGRAPHICS.** Disponível em:

<<https://unctadstat.unctad.org/EN/Infographics.html>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

VISENTINI, Paulo Fagundes et al. **A Revolução Coreana.** São Paulo: Unesp, 2015. 200 p.

WOKUTCH, Richard; SINGAL, Manisha. **Newly industrialized country.** Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/newly-industrialized-country>>. Acesso em: 22 out. 2019.

WORLD TRADE ORGANIZATION. **Data.** Disponível em: <<https://data.wto.org/>>. Acesso em: 15 out. 2019.

_____. **Korea: September 1996.** Disponível em:

<https://www.wto.org/english/tratop_e/tpr_e/tp040_e.htm>. Acesso em: 12 out. 2019.